

# Lêgerîn

Número 12  
novembro - dezembro 2023

**“Insistir no socialismo é insistir  
na humanidade”**

**Em direção a um novo internacionalismo**



Prezados amigos,

## Notas Editoriais

Nos últimos meses, a crise da modernidade capitalista parece estar ganhando ritmo em todo o mundo. Enquanto escrevemos estas linhas, em 28 de outubro de 2023, as forças armadas de Israel anunciaram o início oficial de uma operação terrestre para invadir a Faixa de Gaza, após 20 dias de cerco e bombardeio que causaram a morte de milhares de civis. Algumas semanas antes, em 5 de outubro, sob o silêncio absoluto da comunidade internacional, o Estado fascista turco lançou uma nova operação militar em larga escala contra a Administração Autônoma do Nordeste da Síria (AANES). Declarando que todos os «alvos das YPGs» eram legítimos para serem destruídos, a Turquia bombardeou grandes quantidades de infraestrutura essencial e causou a morte de 48 pessoas, incluindo 29 membros das Asayish (forças de segurança interna). O Estado turco anunciou que estava pondo fim a essa primeira fase de ataques, aumentando os temores de um risco iminente de invasão terrestre. Esses dois ataques de Estados terroristas contra povos resistentes levantam o espectro de uma conflagração regional.

Diante de situações tão bárbaras, só há uma resposta aos Estados-nação: o internacionalismo dos povos! Desde o século XIX, o internacionalismo está no centro do movimento dos trabalhadores. O manifesto do Partido Comunista foi muito claro nesse ponto: «Proletários de todos os países, uni-vos!» Embora tenha sido formalizada durante o século passado, essa ideia atravessou os milênios: diante de poderes despóticos e impérios escravagistas, a humanidade sempre se organizou além das fronteiras e das diferenças culturais.

Como foi desenvolvido no século XX pelos movimentos marxistas-leninistas, o internacionalismo baseou-se no Estado como uma ferramenta de libertação e acabou se traindo ao criar monopólios de poder. Agora, mais do que nunca, precisamos reconstruir o espírito do internacionalismo revolucionário em novas bases. Que formas assume hoje um internacionalismo baseado na autonomia democrática, na ecologia social e na liberação das mulheres?

Nesta edição 12 da Lêgerîn, queremos explorar novos entendimentos desse conceito, para que sirvam de guia para nossas lutas revolucionárias em todo o mundo e nos unam na vitória!

**Todos juntos em direção a um novo internacionalismo !**





# index.

Notas Editoriais	2	Erguendo a bandeira pela liberdade de Abdullah Öcalan com os povos Guarani e Kaiowá	26
<b>O nosso objetivo é a libertação da humanidade</b> Abdullah Öcalan	4	Comitê Lêgerin Abya Yala	
<b>Hora de escrever a história :</b> Perspectiva Internacionalista	6	<b>Por um novo Internacionalismo das Mulheres :</b> <b>Confederalismo Democrático Feminino Mundial</b> Conferência Internacional de Mulheres em Frankfurt	28
<b>A perspectiva de jovens mulheres internacionalistas</b> Mulheres Jovens Internacionalistas	12	<b>Confederalismo Democrático no Oriente Médio</b> Cêmil Cûdî	32
<b>Espírito da Juventude Revolucionária e Confederalismo Democrático</b> 3 excertos do "Manifesto do Movimento da Juventude Revolucionária do Curdistão"	17	<b>Os mártires nunca morrem : em memória de Ş. Azad Şerger</b>	37
<b>Forças de defesa das nacionalidades Karenni em Myanmar enviam mensagem de solidariedade a Rojava</b>	20	<b>Thomas Sankara: revolucionário pan-africanista e herói imortal</b>	42
<b>Reflexões sobre autonomia democrática VS Estado-nação</b> por Duran Kalkan, membro do conselho executivo da KCK em entrevista ao Kurdistan Report	22	<b>O que aconteceu na história ?</b>	44
		<b>Canção : « Latir en Libertad - Zamāru Projekt »</b>	49

# O nosso objetivo é a libertação da humanidade

Abdullah Öcalan



**Sobre a necessidade de uma política socialista, do livro «Socialismo» (Parte I) de Abdullah Öcalan**

***Este texto foi escrito na década de 1990 por Abdullah Öcalan. É um dos textos que iniciou a mudança de paradigma no seio do PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão) e, mais amplamente, no movimento de libertação curdo.***

O desenvolvimento revolucionário no Curdistão nos anos 90 foi o foco de interesse internacional. A mudança da situação internacional após o colapso do socialismo real, o fortalecimento do movimento de libertação curdo, o reposicionamento da Turquia pelos seus parceiros ocidentais, especialmente os principais países da NATO, foram todos significativos para este desenvolvimento. Muitas lutas de libertação nacional noutras regiões já não seguem os seus objectivos internacionalistas, o que aumenta o significado internacional do nosso movimento. Além disso, o nosso movimento é um movimento internacional devido à diversidade étnica da Mesopotâmia e do Médio Oriente. Além disso, a Turquia pretende desempenhar um papel importante no Médio Oriente. É por isso que a revolução curda adquiriu um papel central no internacionalismo global.

No nosso partido, analisámos as razões do colapso do socialismo real de um ponto de vista político, histórico e geográfico e resolvemos os problemas que foram criados nesses países. Nesses países, nem a identidade socialista nem a democracia socialista foram criadas com êxito. Em contrapartida, a revolução no Curdistão não se baseia no conceito clássico de revolução do «socialismo real», nem na abordagem dos partidos leninistas. É daí que vem a importância internacional do nosso movimento. Os nossos êxitos estão sobretudo ligados ao desenvolvimento de um novo modelo de partido e de liderança, e não apenas à nossa atividade militar, política e diplomática.

Na Mesopotâmia, a nossa região, tiveram origem importantes civilizações às quais a humanidade deve muito. No entanto, se considerarmos a crescente perda de

valores culturais em todos os continentes, ou a exploração excessiva e a destruição da Natureza, devemos perguntar-nos se a humanidade não se encontra atualmente num estado de escuridão. Sou da opinião de que estes problemas devem ser abordados com uma nova filosofia de libertação. E esta filosofia de libertação deve ser combinada com uma forte vontade de mudança. O Médio Oriente e a Mesopotâmia produziram muitos profetas e filósofos e, se quisermos avançar hoje, temos de voltar a ligar-nos a estas origens da nossa história. O imperialismo alienou-nos da nossa própria natureza humana básica e criou um tipo de pessoa desumana. Rejeitamos fundamentalmente este desenvolvimento e, ao rejeitarmos a alienação e uma vida à custa dos outros - incluindo as gerações futuras - estamos a propor o desenvolvimento da humanidade. Será que o sentido da existência humana é acumular cada vez mais riqueza e luxo? Nós dizemos apenas que vivemos para nos tornarmos humanos. Nunca nos afastaremos disto.

A situação atual só pode ser descrita como uma barbárie, especialmente no Médio Oriente e, acima de tudo, no Curdistão. Resistimos a esta situação e seremos bem sucedidos. Os nossos inimigos chamam-nos «terroristas». Desta forma, tentam encobrir a sua própria barbárie e o seu regime de terror. É importante questionar qual o sistema que está por detrás dos assassinatos e dos massacres, qual o sistema ou qual o Estado que tem um carácter verdadeiramente terrorista. E é importante continuar a nomear os maiores terroristas. Foi proclamada uma «nova ordem mundial», sobretudo pelos EUA. Todos os dias se torna mais claro que esta é a maior desordem da história da humanidade. Estamos a viver um desequilíbrio provocado por uma injustiça sem limites, pela destruição do mundo natural e do tecido social da humanidade. No século XXI, a humanidade enfrentará problemas maiores do que nos séculos XIX e XX. Por esta razão, é essencial uma renovação socialista que se centre nas pessoas, na sua natureza

e na sua liberdade na sociedade. A repetição do velho entendimento clássico da revolução, com velhos métodos de luta ou guerras entre os povos, já não corresponde às exigências do contexto atual. A nova organização da humanidade precisa de uma conceção mais moderna. Daí resulta também a necessidade de um novo internacionalismo contra a desordem imperialista.

Nós, o PKK, usaremos a nossa força para garantir que nos tornemos um partido mais da sociedade, da humanidade e do internacionalismo do que da libertação nacional. Porque a perspectiva da humanidade foi obscurecida. Temos de abrir novos horizontes. Apesar das dificuldades actuais, temos de persistir no desenvolvimento da humanidade. Mesmo após o colapso do socialismo real, os ataques contra a revolução continuam; a Europa está a tentar enterrar o socialismo para sempre. A situação é semelhante à da época da Restauração europeia. Tal como nas décadas que se seguiram à Revolução Francesa, na primeira metade do século XIX, há uma tentativa empenhada de impedir qualquer mudança progressiva. Alimenta-se uma imensa hostilidade contra o socialismo, o que conduz a um afastamento dos europeus da revolução. No entanto, isso não elimina as contradições inerentes ao sistema.

Inversamente, o socialismo científico deve também ser atualizado. Porque não foi a essência do socialismo que se quebrou, mas sim as velhas tácticas e estratégias que não se adequam aos dias de hoje. É também necessário um desenvolvimento alternativo da sociedade. Na nossa opinião, já demos passos nesse sentido na nossa prática. O socialismo é mais necessário do que nunca para a humanidade. A humanidade ou sobreviverá com o socialismo ou perecerá sob a barbárie do capitalismo. Se não quisermos a destruição da humanidade, temos de trabalhar consistentemente no socialismo. O nosso objetivo é a libertação dos povos que foram destruídos pelo sistema capitalista-imperialista. É por isso que excluimos a possibilidade de nos rendermos ao capitalismo.

Só à primeira vista é que a revolução no Curdistão parece nacional; no fundo, é uma revolução da humanidade. O seu resultado não será uma república nacional, mas sim uma revolução para uma república da humanidade. Não queremos criar novas fronteiras. As fronteiras não têm muito significado para nós. Estamos a tentar criar um conjunto de pessoas creativas e motivadas. Este é o nosso contributo e um passo em frente para o socialismo científico. As relações entre o povo curdo e o povo turco são complexas e por vezes caóticas. O imperialismo e os seus colaboradores instalaram, de muitas maneiras, um sistema de opressão e exploração em ambos os povos. No entanto, o que estamos a viver não é uma exploração «vulgar» nem uma mera opressão política ou nacional. Pelo contrário, os nossos povos estão ameaçados por um genocídio de que há poucos exemplos na história da humanidade. O colonialismo turco está hoje a tentar exterminar o povo curdo. O regime kemalista conta com o apoio de alguns Estados, como os EUA e a Alemanha, que, por interesses estratégicos e egoístas, dão

o seu aval às políticas criminosas da Turquia. Ao mesmo tempo, os políticos desses Estados não querem admitir o seu envolvimento e a sua cumplicidade na questão curda, que é assegurada pelo apoio da Turquia fascista. Os democratas e os socialistas do Ocidente devem denunciar a hipocrisia dos seus Estados. Seria um ato significativo de solidariedade internacional para com o povo curdo e os povos de todo o mundo.

O genocídio é um crime imperdoável. Todos os países capitalistas desempenharam o seu papel no genocídio no Curdistão. Não é por acaso que nós, que não aceitamos a nossa destruição física e psicológica, somos rotulados como a organização terrorista número um do mundo. Alguns acontecimentos foram orquestrados com esse objetivo, por exemplo, o assassinato de Olof Palme, que foi utilizado contra nós para desacreditar o PKK como uma organização terrorista. Nem mesmo a Alemanha nos está a atacar só por causa de alguns protestos violentos. Querem que o socialismo acabe connosco e ficam zangados quando falham. Orgulhamo-nos de defender os ideais socialistas na Europa. Estamos prontos a reorganizar as nossas relações com o povo turco em qualquer altura. Estamos prontos a reorganizar a história dos diferentes povos, as suas liberdades culturais e políticas, com base na igualdade, na unidade geográfica. O pré-requisito básico é que o genocídio contra o povo curdo termine e que as relações se tornem justas e equitativas.

O regime colonialista turco responde às nossas propostas com mais derramamento de sangue e chauvinismo. Os detentores do poder estão a tentar impedir qualquer desenvolvimento internacionalista no seio do povo turco com uma propaganda intensamente chauvinista. Mas, com esforço e persistência, convenceremos o povo turco. No Curdistão, em conjunto com o povo turco, desenvolveremos um internacionalismo exemplar. Não cairemos na armadilha do nacionalismo estreito. Não permitiremos que a questão das fronteiras nos defina. Não discutiremos qual a terra que pertence a quem. Ao criarmos a liberdade, criaremos também o maior internacionalismo. Há cada vez mais oportunidades para o movimento de libertação no Curdistão alcançar o sucesso e o progresso. O povo curdo tem uma luta a travar. O sistema imperialista internacional está a atacar-nos com a intenção de nos destruir. Estamos a oferecer uma resistência difícil. Se expulsarmos o imperialismo do Curdistão, a nossa revolução será pelo menos tão eficaz como a Revolução de outubro, talvez ainda mais.

A implementação gradual da libertação é um exemplo para os povos da região e para os povos que se encontram noutras situações semelhantes. Representa a renovação do socialismo a um nível elevado, a revolução das mulheres, a revolução da moral e, nesse sentido, a possibilidade de desenvolver uma nova filosofia. Talvez nós próprios não a vivamos plenamente, mas é uma evolução positiva para a humanidade, para o nosso povo e para os nossos amigos ●

Abdullah Öcalan



# hora de escrever

## a história



## perspectiva internacionalista

Há mais de 30 anos, a Terceira Guerra Mundial vem se intensificando a cada dia. Regiões em guerra em todos os continentes do mundo estão em chamas, e estamos caminhando diretamente para outra explosão de caos e destruição. Por mais abstratas e complicadas que as guerras e os conflitos deste mundo possam parecer, elas se tornam claras e fáceis de entender quando damos uma olhada nos interesses das diferentes potências. Como sempre foi, em todas as sociedades, é nos interesses políticos e econômicos dos governantes que se encontra a causa da guerra e do conflito. Não é diferente com as guerras que estão ocorrendo hoje, principalmente batalhas de distribuição de recursos entre os poderosos deste mundo. Mesmo que aleguem lutar pela nação, pela religião ou até mesmo pela democracia e pelos direitos humanos, nada pode esconder o fato de que os conflitos armados de hoje também giram em torno do controle de mercados, recursos e mão de obra. Um sistema no qual o lucro máximo, como a lei suprema deste mundo, ainda está acima de todas as convenções e da dignidade do próprio homem, deve, em sua busca voraz pelo lucro e pela competição implacável do mercado capitalista, resultar em conflitos bélicos. Já na eclosão da Primeira Guerra Mundial no século passado, o socialista Jean Jaures, assassinado por um nacionalista francês em 1914, declarou muito corretamente «O capitalismo carrega a guerra em si como uma nuvem carrega a chuva».



**Não importa para onde voltemos nosso olhar, uma luta feroz está sendo travada hoje em todos os continentes para reordenar o equilíbrio global de poder.** Depois que o colapso do socialismo real pôs fim à era da chamada «ordem mundial bipolar», na qual as duas grandes potências, os EUA e a União Soviética, dominavam o planeta, os EUA embarcaram na tentativa insana de se tornar a «única potência mundial» e impor uma «ordem mundial unipolar» sob o domínio norte-americano. Por meio de guerras e intervenções, pressão político-econômica e uma ofensiva de propaganda sem precedentes, a nova ordem mundial deveria ser imposta. Hoje, mais de 30 anos depois, o fracasso desse projeto não pode mais ser negado. O surgimento de novas potências imperialistas, que não querem mais aceitar sua posição subordinada anterior e estão tentando obter uma «fatia maior do bolo», está desafiando a hegemonia dos EUA em todo o mundo.

**Por mais que a Federação Russa e a China estejam geralmente no centro das discussões públicas, há também outros centros de gravidade ao lado deles na ordem mundial multipolar emergente.** Juntamente com o Brasil, a Índia e a África do Sul, eles formam a aliança econômica dos «Estados BRICS», que será ampliada em 1º de janeiro do próximo ano para incluir a Argentina, o Egito, a Etiópia, o Irã, a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos. Como uma confederação de Estados, os países do BRICS estão tentando criar um contrapeso para o domínio do dólar no mercado mundial por meio da cooperação econômica entre eles e, ao fazê-lo, estão se esforçando para unir todos os Estados que estão incomodados com a supremacia do Ocidente.

**Nos últimos meses, o continente africano, em particular, tornou-se o cenário de grandes mudanças e combates ferozes.** Desde a década de 1950, mais de 106 golpes militares ocorreram na África, mas a série de golpes militares iniciada em Mali e Burkina Faso e, mais recentemente, no Níger e no Gabão, são provavelmente os primeiros sinais de grandes mudanças no continente. Os golpes em si não são meros eventos isolados ou assuntos internos dos respectivos Estados, mas também a consequência direta da luta pelo poder entre os imperialistas ocidentais, especialmente a França e os Estados Unidos, por um lado, e os novos concorrentes imperialistas emergentes, especialmente a China e a Federação Russa, por outro.



Desde o início da colonização da região, a zona do Sahel, em particular, tem sido uma importante fonte de matérias-primas para a França e, até recentemente, as minas de urânio nigerianas forneciam a maior parte do urânio necessário para a indústria nuclear francesa. Entretanto, o novo governo militar, que se alinhou internacionalmente com a Federação Russa e assinou uma aliança regional com os governos militares antiocidentais, encerrou toda a cooperação com a antiga potência colonial. Enquanto os Estados da CE-DEAO aliados ao imperialismo ocidental, liderados pela Nigéria, ameaçam uma intervenção militar contra o Níger, no Sudão também continuam os ferozes combates entre o exército e as milícias apoiadas por mercenários russos. A situação no continente africano é mais do que explosiva e, quanto mais a Terceira Guerra Mundial continuar a se desenrolar, maiores serão as chances de que grandes conflitos transregionais possam eclodir aqui também.

Se olharmos para o Oriente Médio, o local onde a Terceira Guerra Mundial em curso eclodiu pela primeira vez e que ainda hoje está no centro do conflito global, foi sobretudo o conflito em Israel e na Palestina que dominou as manchetes da imprensa mundial em outubro. Até o momento, a luta entre a organização jihadista Hamas e o Exército Israelense continua ferozmente. Até o momento, milhares de civis morreram, o exército israelense está bombardeando Gaza impiedosamente com artilharia e bombas aéreas, cometendo vários crimes de guerra, e os islamitas do Hamas também são culpados de vários crimes contra civis judeus e mulheres em particular. Se o conflito continuar a se agravar, ele tem o potencial de aprofundar as diferenças entre os povos até abismos insuperáveis e tornar impensável uma solução para o conflito.

Não é sem razão que a comunidade curda declarou que as operações e os ataques atuais não beneficiam uma solução para o conflito, mas sim impedem uma coexistência comum dos povos. Entretanto, também está claro que a causa do conflito não se encontra nos últimos ataques do lado palestino, mas a causa do problema atual é o problema histórico da própria questão palestina. Embora os combatentes islâmicos do Hamas tenham conseguido superar as barreiras israelenses e atacar e invadir postos avançados israelenses nos primeiros dias do chamado «dilúvio de Al-Aqsa», é inegável que as forças armadas israelenses são muito superiores às do Hamas, tanto militarmente quanto em termos de pessoal. Hoje, o povo de Gaza enfrenta uma iminente invasão terrestre israelense que resultaria na morte de dezenas de milhares de civis palestinos e na destruição quase total de Gaza.

Está claro que, também nesse caso, o confronto atual excede em muito as dimensões de um conflito regional entre Israel e Palestina e está intimamente relacionado aos interesses e planos de potências regionais e internacionais. Para o Ocidente, o Estado israelense, juntamente com a República Turca, é a porta de entrada central para o Oriente Mé-





dio e uma das potências garantidoras decisivas da modernidade capitalista. As crescentes tensões entre o Irã e seus aliados, e os Estados Unidos e a Coalizão Internacional, do outro lado, são certamente um dos fatores que levaram ao aprofundamento da crise. Assim, há também analistas que consideram que a escalada atual e, especialmente, o comportamento provocativo das potências estrangeiras estão relacionados aos planos feitos na recente cúpula do G20 em Nova Délhi para criar uma rota alternativa de energia entre a Ásia e a Europa. A nova rota deve ir da Índia, passando pela Arábia Saudita, Israel, sul do Chipre e Grécia, o que significaria contornar o Irã, mas também os estados da Ásia Central e, acima de tudo, a Turquia.

**No entanto, seja qual for o ângulo pelo qual encaremos a escalada atual, é absolutamente claro que não podemos ver essa guerra, bem como os outros conflitos em andamento no mundo, separadamente da Terceira Guerra Mundial, mas sim como parte integrante dela.** O conflito palestino-israelense, assim como a questão curda, é um dos grandes nós górdios do Oriente Médio e, sem uma solução para esses dois problemas, a democratização da região continua impensável. Não é errado ir tão longe a ponto de dizer que ambos os conflitos têm uma espécie de função-chave.

**Assim como na questão curda, a aparente insolubilidade do problema está na própria mentalidade do Estado-nação.** O conceito de Estado-nação se tornou a causa de ambos os problemas e não pode ser a solução para os conflitos. Já em 2009, Rêber Apo escreveu em seu último documento de defesa que «se alguém não entender a estrutura da hegemonia da modernidade capitalista no Oriente Médio», não poderá entender «por que 22 estados-nação árabes foram criados». Até mesmo a criação de um estado-nação palestino, como o 23º estado na fila, aprofundaria os problemas em vez de resolvê-los. A luta do povo palestino continua legítima e a paz duradoura só pode ser alcançada por meio do reconhecimento do direito do povo palestino ao autogoverno, mas a solução para o problema palestino não é a solução de dois ou um Estado; a única solução só pode ser uma solução «sem Estado». O modelo de nação democrática, desenvolvido por Rêber Apo como solução para as crises do Oriente Médio, e com o qual o modelo de autogoverno no norte e leste da Síria já provou ser viável, é capaz de garantir uma coexistência verdadeiramente livre e igualitária para os povos do Oriente Médio.

**Enquanto dois milhões de pessoas em Gaza lutam para sobreviver sem água, eletricidade e alimentos adequados sob o bombardeio de aviões israelenses, milhões de pessoas no norte e no leste da Síria também estão sem suprimentos dos bens mais básicos.** Os ataques turcos à infraestrutura vital da região destruíram completamente ou desativaram grandes seções do fornecimento de energia, bem como instalações de produção de água e gás. Tanto Netanyahu quanto o ditador turco Erdogan declararam que a infraestrutura civil e os assentamentos são os «alvos legítimos» de suas ações militares, e estão assassinando independentemente disso. Enquanto Erdogan não se cansa de expressar sua simpatia pela população civil de Gaza, bombas e projéteis turcos destroem civis, mulheres e crianças inocentes a apenas alguns quilômetros da fronteira turca. Os ataques aéreos no início de outubro, que atingiram mais de 200 alvos no norte e no leste da Síria, também passaram praticamente despercebidos pelo público mundial. O fato de a imprensa estabelecida e as autoridades governantes responderem com silêncio aos ataques brutais do fascismo turco também tem motivação ideológica.



Os ataques contra a revolução de Rojava, mas também a guerra de extermínio contra as unidades guerrilheiras no Curdistão do Norte e do Sul, devem ser considerados, acima de tudo, como ataques do sistema capitalista sob a liderança da OTAN contra um projeto social alternativo e revolucionário. A esse respeito, é responsabilidade das forças socialistas, revolucionárias e democráticas do mundo levantar a voz e se unir à defesa da revolução internacionalista no Curdistão.

Após o colapso da realidade socialista e o proclamado «fim da história», a luta bem-sucedida do movimento apocalíptico no Curdistão hoje prova que a revolução não precisa ser um sonho ou uma utopia distante, mesmo no século XXI. Para preservar aquilo pelo que já lutamos e para expandir nossa revolução em todas as direções, o que é necessário, acima de tudo, é a criação de um novo internacionalismo. Em vez de lutarmos para conquistar um lugar nos corredores do poder, ou mesmo para estabelecer novos estados-nação, devemos criar a organização internacional e não-estatal de todos os oprimidos deste mundo. O Estado em si é criado como uma ferramenta para as classes dominantes manterem seu poder e conterem as massas. Em sua essência, ele não é muito mais do que um aparato de poder por meio do uso organizado da força, e é um instrumento que não pode nos ajudar a conquistar a liberdade. Se no passado o objetivo dos revolucionários era conquistar o Estado e usar sua máquina, o que é necessário hoje é uma internacional de auto-organização que possa unir as lutas dos oprimidos e explorados em todas as fronteiras do Estado. Como a crise que estamos enfrentando hoje é uma crise global, nossa resposta também só pode ser global. Como um movimento internacionalista de jovens, devemos assumir a liderança nesse processo de construção e avançar de forma dinâmica e destemida para o futuro. O mundo de amanhã, a modernidade democrática como uma alternativa ao sistema de destruição e morte, já existe hoje em nossas lutas. Ele existe onde quer que as mulheres se levantem e os jovens lutem por seu futuro, e já vive hoje em todos os projetos de auto-organização e economia comunitária, por menores que sejam. Em todos os lugares onde os trabalhadores lutam por uma vida digna e as pessoas defendem seu direito à terra e aos alimentos, também existe uma parte do mundo que resiste a esse sistema. O que resta como tarefa para nós é dar à modernidade democrática formas e organizações concretas.

A construção da modernidade democrática também exige uma mudança radical de mentalidade, podemos dizer uma revolução da mente, mas também mudanças materiais concretas. Um sistema econômico sustentável e baseado nas necessidades que substitua a brutalidade do mercado livre, um novo sistema de justiça social em vez do sistema judicial estatal, um contrato social que regule a coexistência social e estruturas de autodefesa para proteger as conquistas da revolução contra todas as ameaças internas e externas devem ser criados para garantir mudanças de longo prazo. Falando sobre autodefesa, não devemos considerar apenas o lado militar-material da autodefesa. A apropriação e a defesa de sua própria cultura, idioma e história também são aspectos da autodefesa contra os ataques do sistema capitalista que não devem ser subestimados. A aniquilação de uma sociedade ocorre não apenas por meio de genocídio físico, mas também por meio do chamado «Genocídio Branco», ou seja, assimilação e aniquilação cultural. Portanto, para as nações colonizadas, assim como para todas as outras sociedades, a construção de seu próprio sistema educacional e de obras culturais fortes é uma necessidade indispensável para lutar por uma existência livre e garanti-la em longo prazo. A diplomacia, que hoje se tornou uma ferramenta para a aplicação dos interesses



do poder estatal, deve ser substituída por uma diplomacia real que sirva à comunicação e à reconciliação entre os povos em nível internacional. Rêber Apo define essa forma de diplomacia, na qual o estabelecimento de relações e trocas entre os povos não se limita à atividade profissional dos diplomatas oficiais, mas se torna uma atividade cotidiana de todos os membros de uma sociedade, como a diplomacia do povo.

**Pode ser que o Oriente Médio seja hoje o principal campo de batalha da Terceira Guerra Mundial, mas cabe a nós, a juventude internacionalista, espalhar a luta por outro mundo em todos os cantos do planeta.** A primeira Conferência Mundial da Juventude em Paris é um passo histórico nessa direção, que certamente nos aproximará de nosso objetivo. Hoje não podemos nos dar ao luxo de sermos divididos por nossas diversidades, diferentes abordagens e tradições políticas. Como jovens de hoje, temos uma responsabilidade histórica com a sociedade, com as mulheres e com a juventude futura, e é reconhecendo essa responsabilidade que nós devemos fortalecer nossa unidade.

**Nossa raiva e ódio contra o sistema de destruição, contra a barbárie organizada da modernidade capitalista, devemos transformar em energia e criatividade necessárias para construir um mundo de beleza e liberdade.**

Nos últimos anos, fizemos grandes progressos, mas o que criamos ainda está longe de ser suficiente. Se dermos uma olhada na situação do mundo, podemos ver claramente os grandes perigos, mas também as grandes oportunidades que estão se abrindo à nossa frente. A situação da Terceira Guerra Mundial, que Rêber Apo chamou de intervalo do caos, necessariamente passará para uma fase de reorganização do mundo. Os governantes estão se preparando ou já iniciaram suas ofensivas para colocar sua marca na nova ordem emergente. Cabe a nós decidir se continuaremos a ser meros espectadores do curso da história ou se nós mesmos pegaremos a caneta e, como os jovens, escreveremos nossa própria história ●

# Jovens Mulheres Internacionalistas

## perspectiva



Os tempos em que nos encontramos se caracterizam por uma enorme confusão. Pode-se dizer que o mundo tal como está estruturado hoje se alimenta dessa bagunça. É até necessário e mutuamente dependente da economia capitalista. Mas quando falamos de desordem, caos e crise, isto não pode ficar reduzido apenas às condições econômicas. Cada célula, cada organismo neste mundo também está neste estado.

Ao contrário de um coletivo de formigas bem organizado, onde cada um tem a sua tarefa, mas ninguém corre o risco de se afogar no suposto caos, e onde todos trabalham juntos na mesma estrutura, o caos em que a humanidade se encontra é não auto-escolhido, mas deliberadamente provocado e formado. No centro deste caos está a jovem. Ela recebe um fardo extrapesado com o qual não é possível reconhecer seus próprios objetivos, viver a vida com uma visão clara. Ela corre o risco de ser esmagada por esse fardo. Em vez de descobrir o mundo por si mesma com a cabeça erguida, ela é forçada a uma posição passiva. Ela se tornou dependente do sistema em todas as áreas da vida. Assim, ela não vê força própria e não desenvolve nenhum desejo próprio de sair dessa jaula.

**Na modernidade capitalista, a guerra das potências hegemônicas ameaça as mulheres, sobretudo, em todo o lado.**

Todos os dias pisoteiam os cadáveres daqueles que resistem, que fogem da passividade, que ou se revoltam ativamente ou simplesmente existem. Isso mesmo, como mulher basta existir para ser alvo do patriarcado. O sistema não foge de nenhum meio. Escolhe cuidadosamente as suas armas. A guerra que trava contra as mulheres em todo o mundo é uma guerra pela existência ou pela inexistência. Acima de tudo, ataca a vida. Porque onde existe vida, há sempre potencial de renovação. Por esta razão, a modernidade capitalista ataca precisamente onde surge este potencial. Mantém as mentes e os pensamentos das pessoas ocupadas, para que fiquem separadas das suas ideias de liberdade. Através da sua autorrepresentação através dos meios de comunicação, da publicidade, na verdade de qualquer influência criada pelo sistema que nos rodeia, consegue ter um impacto e influência duradouros na sociedade. É assim que o sistema ganha controle sobre o indivíduo. Cria necessidades que estão desligadas das necessidades reais das pessoas. O mundo exterior está reduzido a satisfazer apenas suas necessidades artificiais, então o sistema oferece pedaços de doce para você, basta morder.

**Através deste consumismo extremamente elevado, a vida é alienada de um significado mais profundo.**

Isso é feito matando sua verdadeira identidade. Crescer como uma jovem neste sistema significa rejeitar a juventude, pois a inexperiência torna-a mais vulnerável. Você tem que ser capaz de se afirmar neste mundo o mais rápido possível. Você quer crescer o mais cedo possível para ficar mais velho, "mais maduro" e "mais adulto". Com a compreensão do significado destes papéis clássicos, surgem duas formas superficiais de lidar com eles: ou segui-los ou rejeitá-los sem rodeios, sem olhar para alternativas. Em ambos os casos, a pessoa se desliga da busca pela verdade. Mas o que resta? O que torna a jovem?

Procurar o significado da verdadeira e pura identidade da jovem significa ter a coragem de se tornar ela mesma. Significa também juntar novamente as muitas peças do puzzle deste mundo que foram separadas umas das outras pelo patriarcado. Só assim será possível quebrar o domínio de cada uma dessas peças. É aí que reside a tarefa da jovem. Só assim ela poderá se aproximar de si mesma. Ela deve libertar-se de existir apenas para os sonhos e a imaginação dos outros. Para desenvolver os seus próprios sonhos, ela deve libertar-se da ideia de que a libertação pode ser encontrada neste sistema. Ela deve desligar-se daquilo que a mantém reprimida, só então poderá desenvolver o pensamento livre e perceber as ferramentas com as quais o patriarcado coloniza as mulheres. O patriarcado ocupa muito neste mundo. Nossa existência, a natureza, a terra. Se não aceitarmos mais a dominação, devemos superar a separação entre humanidade e natureza. Ou melhor, as linhas divisórias entre tudo o que existe, tudo o que está vivo neste mundo. Somente quando sentirmos novamente nossa conexão com tudo é que seremos capazes de compreender a totalidade, a complexidade do mundo.

**Só então seremos capazes de arrancar o patriarcado das suas raízes.**

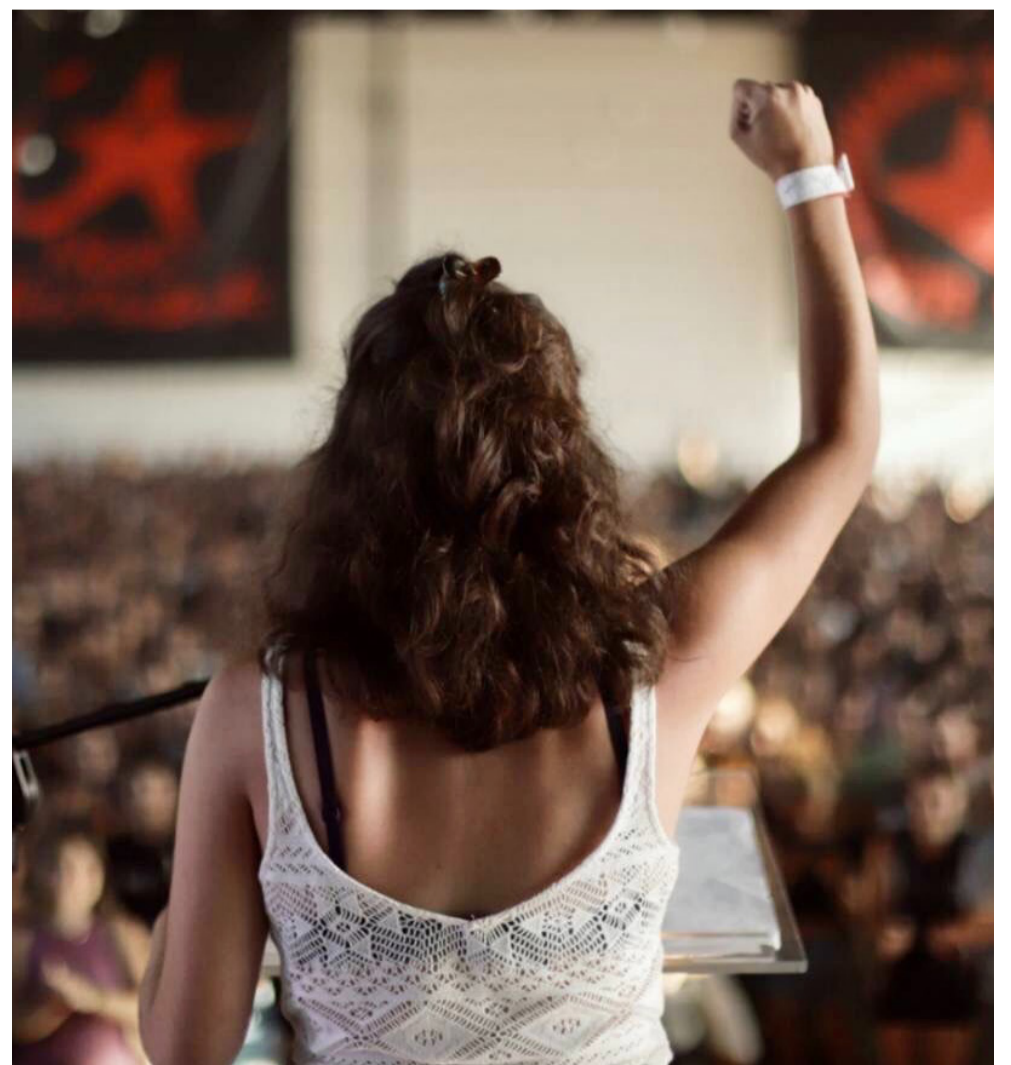
Ao superar a separação do eu do seu ambiente, da atomização, a jovem é capaz de desenvolver um sentido natural de responsabilidade pela terra. Através da sua proximidade com a ecologia e com a terra, ela pode experimentar sentimentos de conexão tão profundos que reflexos de proteção, e portanto também de defesa, enraizam-se com força e profundidade na sua consciência.

A constituição da identidade da jovem tem um enorme potencial de mudança. Quando ela se liberta dos papéis que lhe são impostos, ela é capaz de desenvolver uma força revolucionária. Uma identidade que reconhece o seu próprio potencial de mudança e insurreição é extremamente ameaçadora para o sistema. Ao privá-la da sua identidade, o sistema priva-a da sua existência. Priva-a do próprio sentido da sua existência, da vida, para que ela se mantenha viva apenas fisicamente, e nem isso. As

doenças mentais estão a aumentar, especialmente entre as mulheres jovens. A anorexia é apenas uma expressão das concepções ideais sistêmicas do corpo. Com o aumento destas doenças, a mulher é distraída apenas pelos sintomas desta doença social em si mesma, não reconhecendo a sua verdadeira origem, o sistema por trás desta doença. É assim que rouba à jovem a sua missão de vida: impõe-lhe objectivo vindos de fora. Mas se ela conseguir encontrar o seu próprio papel neste mundo, ela também passará pela vida com uma missão clara; então o sistema não poderá mais brincar com ela tão facilmente. Especialmente neste período atual, esta constatação é muito importante. O supostamente último capítulo do livro da história da civilização está sendo escrito. Pelo menos é assim que os capitalistas o expressam, como se o capitalismo fosse invencível e os fundamentos sobre os quais foi construído nunca pudessem ser derrubados. A base desta construção é o patriarcado. Foi criado ao longo de milhares de anos e foi capaz de se reforçar. Está tão arraigado que já teve tempo suficiente para impedir que as pessoas vivessem e existissem juntas em equilíbrio. Afastou as pessoas das suas raízes a tal ponto que, em vez de procurarem respostas às suas questões dentro de si e da comunidade, apenas as procuram fora, no sistema.

Desta forma, a humanidade fica impedida de sequer imaginar uma alternativa a este sistema. Contudo, as pessoas que vivem esta alternativa e a põem em prática representam o maior perigo para o sistema dominante.

**São sobretudo as mulheres que acreditam numa alternativa.**



Porque a classe social mais oprimida é também aquela que, inversamente, sente dentro de si maior necessidade de liberdade. A consciência da liberdade está dialeticamente relacionada com a própria opressão. É importante não perceber a opressão como uma aflição individual. É toda uma identidade oprimida, porque tem uma força social global. No entanto, esta força só pode se desenvolver quando há consciência do potencial da própria identidade. A alienação, por um lado, e o endurecimento dos papéis impostos, por outro, são ataques patriarcais. No entanto, se houver uma compreensão mais profunda do potencial político, social e revolucionário do próprio gênero, existe aí um grande poder. As mulheres jovens que tomam consciência da complexidade de ser mulher e desenvolvem autoconfiança nisso são menos vulneráveis a ataques. Os conceitos de mulher e homem são fenômenos sociais que constituem uma representação do dualismo da vida e da preservação da vida. Somente com esta consciência as pessoas serão capazes de desenvolver uma luta pela liberdade, porque é isso que constitui cada ser vivo e cada organismo.

O sistema do homem, que o utiliza como instrumento de opressão, mantém todas as partes destes mundos escravizados. No entanto, ele próprio é um escravo. Somente quando for reconhecido que ele também está sendo usado é que ele poderá desenvolver essa luta pela liberdade. Pois o homem também é uma identidade escravizada neste sistema. Para poder sair da sua própria opressão, ele também deve assumir a responsabilidade de mudar estas condições e participar na luta pela libertação das mulheres. Pois a liberdade das mulheres também trará a sua liberdade. Ele deve sair da posição de perpetrador, mas também de autculpabilização, para poder superar seu papel de passividade.

Atualmente, porém, esta luta sincera pela liberdade está a ser interpretada de forma inacreditável. Em vez de uma luta comunitária para superar a opressão específica de gênero, o debate "realpolitikal" trata apenas de uma suposta igualdade dos sexos. Com isso não se entende o equilíbrio, a harmonia dos sexos, mas a escravização aprofundada. Se Anna Lena Baerbock ou Giorgia Meloni fazem exatamente as mesmas exigências anti-humanas e misantrópicas de aumento de entregas de armas ou deportações consistentes, não é em nome de valores libertários ou do amor ao próprio sexo. Esta atitude torna-os cúmplices do patriarcado; eles conspiram para ganhar seu próprio poder e riqueza. Essas mulheres estão muito longe de estar ligadas à liberdade. Através do espetáculo destas mulheres em posições de liderança dentro do sistema, o patriarcado legitima-se. Mas o seu gênero propagado não passa de uma concha vazia. O patriarcado tenta com ataques precisos, principalmente no nível psicológico, fazer da mulher sua aliada. Nesses momentos é importante arrancar a venda do sistema e reconhecer de onde vêm esses ataques.

**O patriarcado opera em todos os lugares com métodos diferentes.**

O local onde ataca com mais força, com todas as suas ferramentas de opressão, é também o centro da violenta demonstração de poder das forças hegemônicas. O Médio Oriente, especialmente o Curdistão, tem estado sob constante ataque durante um longo período de tempo. As razões dos ataques intensivos, da tentativa de campanha de extermínio do fascismo turco em aliança com todos os seus parceiros da NATO, residem numa continuidade histórica. Especialmente nos últimos 50 anos, a resistência contra a ocupação e o colonialismo foi renovada. Com o surgimento e a propagação do movimento de libertação curdo, o



grau de organização do povo curdo atingiu o máximo. Este nível de organização nasceu da necessidade de quebrar as condições do colonialismo e cresceu a partir das experiências de inúmeros eventos e movimentos revolucionários. Rêber APO, como pioneiro de uma nova esperança de uma vida autodeterminada e libertada, lançou as bases para uma organização que é atualmente o maior espinho no sapato dos governantes. Pois desde o primeiro minuto, esta revolução estabeleceu como objectivo alcançar e incluir todos os povos oprimidos.

**Assim, formou-se um novo internacionalismo numa fase inicial.**

A importância do internacionalismo está intimamente ligada ao movimento das mulheres. Não só porque o patriarcado se organiza globalmente e a única conclusão lógica é fazer o mesmo para o superar, mas também porque todas as mulheres em todo o mundo carregam uma força igual, um fogo igual que manteve a sociedade viva desde o início. Um incêndio que querem que seja extinto em todos os lugares. A união internacional das mulheres começou muito cedo. Já no início do século XX, Alexandra Kollontai, Rosa Luxemburg e Clara Zetkin apelaram a uma aliança internacional de mulheres. Reconheceram a necessidade, naquele momento histórico, de se unir internacionalmente e criar uma identidade socialista militante. Se sentirmos uma ligação com todas as mulheres do mundo, seremos capazes de superar a alienação que está tão profundamente arraigada. Seja o papel clássico da mulher que a liga ao lar ou o moderno lobo solitário. Temos que superar todos

esses papéis para preparar o caminho para uma mulher libertada.

Sempre foi uma consciência colectiva, o sentido de responsabilidade mútua que daí resultou, que atraiu mulheres camaradas internacionalistas a participarem em movimentos revolucionários. Foi também assim que a amiga Andrea Wolf (Şehid Ronahî) se juntou à revolução. Ela tomou conhecimento do movimento de libertação curdo a partir de uma longa experiência na esquerda alemã e assumiu uma forte postura internacionalista. Agora em outubro, no dia 23 para ser mais preciso, é o 25º aniversário de sua morte. Ela deixou a sua marca em toda uma geração de pessoas que não tinham perspectivas, que sucumbiram à suposição de que o capitalismo tinha vencido. Ela deu esperança de que a mudança e a luta anticapitalista, se conduzidas internacionalmente, podem destruir sistemas de opressão. Com grande determinação, juntou-se à guerrilha e foi para as montanhas do Curdistão. Ela continua a moldar o debate sobre o internacionalismo e as ligações entre as lutas através das fronteiras nacionais. Ela foi a primeira mulher alemã a dedicar a vida à luta apoiada pela liberdade. Ela é uma pioneira cuja memória continua a moldar as discussões até hoje. Muitos amigos que estiveram nas montanhas com ela contam histórias muito vívidas sobre ela. Ela era tão curiosa que sempre perguntava sobre tudo. Ao mesmo tempo, ela tinha profundidade e consolidação. Na sua atitude podemos ver as possibilidades de criar estratégias de defesa para poder estar armada contra os ataques diários do patriarcado. Perguntemo-nos como podemos estar prontos para lutar, que tipo de personalidade uma jovem deve

construir para reagir. Heval Ronahî discutiu extensivamente a linha do internacionalismo no movimento das mulheres com as amigas. Antes de Heval Evîn cair em Şehid em Paris, ela falou sobre seu tempo junto com Heval Ronahî. Ela disse que, como jovens internacionalistas, deveríamos nos ver mais na sua tradição. Se entendêssemos Heval Ronahî melhor e mais profundamente, e fizéssemos ligações mais profundas com todas as mulheres revolucionárias que lutaram antes de nós, teríamos muito mais probabilidades de nos ligarmos às suas lutas. Não continuaríamos a nos colocar as mesmas questões e, assim, encontraríamos uma saída para a falta de soluções.

Se pudéssemos acompanhar melhor as questões dos nossos antecessores, também seríamos capazes de aprender com as respostas que eles já encontraram. Dessa forma, poderíamos trilhar com mais retidão



o caminho que eles nos prepararam e continuá-lo. Porém, não trilhamos esses caminhos sozinhos. Eles sempre correm paralelos entre si, cruzam-se e estão cheios de obstáculos semelhantes. Somente quando realmente trilharmos esse caminho juntos e formarmos uma organização forte poderemos superar esses obstáculos. Afinal, quem consegue rolar todas as pedras sozinho? Isso só pode ser feito em conjunto, mas também precisamos da técnica certa para fazê-lo. Então ser organizado não é só se reunir com outras pessoas. Precisa de um objetivo comum, de valores e morais comuns, de uma consciência comum. Somente quando as jovens se organizam é que são capazes de superar o sistema dentro delas e no mundo inteiro.

**Viver e construir o internacionalismo como mulheres não significa criar ligações abstratas entre si, mas aprender a sentir novamente a nossa ligação natural.**

Significa também sentir uma conexão com a própria história. Uma conexão com todas as mulheres lutadoras antes de nós. Não ver as suas lutas como separadas das nossas, mesmo que lidassem com desafios supostamente diferentes. Talvez tenham sido confrontados com sintomas diferentes, mas também atacaram o patriarcado com a sua resistência. Tem muitas máscaras diferentes, razão pela qual às vezes é difícil compreendermos realmente o sistema por trás dele. A combinação de todos os níveis de luta tem o potencial de criar uma nova identidade. Um que faz brilhar o espírito do movimento internacional das jovens mulheres. Aquele que acende um fogo tão quente que o patriarcado inevitavelmente queimará as mãos, tentando apagá-lo. Portanto, retiremos força e esperança de todas as lutas travadas até agora pelas mulheres, e daquelas que também enfrentam e resistem ao mesmo inimigo neste preciso momento. Se lutarmos juntos com laços de solidariedade, isso nunca nos poderá quebrar. Seja nas capitais do coração da fera, nas florestas primitivas da Amazônia, nas montanhas livres. Em todo o lado é a mulher que não se deixa roubar a esperança de uma vida bela e livre. Em todo o lado é ela quem não se curvará e, através da sua brilhante liderança, abrirá o caminho para todas as gerações que virão depois de nós. É ela quem arrancará o sistema de dominação e opressão desde as suas raízes e já está a semear as sementes de um belo futuro em todo o lado.

**A primavera da jovem lutadora já começou há muito tempo e novas flores desabrocham todos os dias ●**



PROTECT *and*  
PRESERVE  
OUR HISTORY

**Jovens Mulheres Internacionalistas**



# Espírito da Juventude Revolucionária e Confederalismo Democrático



3 excertos do “Manifesto do Movimento da Juventude Revolucionária do Curdistão”

**1.** O Confederalismo da Juventude Democrática não é uma organização guarda-chuva, nem uma plataforma ou uma aliança de diferentes frentes, mas um sistema social compreensível. Podem haver organizações, plataformas, associações e alianças dentro dele, mas o Confederalismo da Juventude Democrática vai além de tudo isso. É um sistema da juventude onde o social, o político, o cultural, e todas atividades fundamentais encontram sua expressão.

**Nós Podemos descrever o Confederalismo da Juventude Democrática como uma estrutura não-estatal para a organização da vida cotidiana de todos os círculos da juventude na sociedade.**

É a fundação do modo de vida antiestatal da juventude. As frentes da juventude organizam atividades educacionais, ambientais, de saúde, esportes, política e cultural. Nos referimos ao Confederalismo da Juventude Democrática em relação a estrutura na qual a vida social é construída pela frente da juventude. Nesse sentido, é um projeto compreensível e profundo no qual a juventude dos bairros, os pupilos, a juventude trabalhadora e desempregada, e os jovens estudantes estão unidos; na qual dezenas de federações, centenas de associações, milhares de comunas e conselhos, vários órgãos de imprensa e centros culturais podem encontrar seu lugar.

**Transformar as massas do povo jovem em sujeitos concientes, é um dos objetivos centrais do Confederalismo da Juventude Democrática.**

Não é possível organizar toda a juventude e sociedade com um só modelo organizacional. Para isso ser possível, a sociedade e a juventude precisariam ser homogêneas, de um a forma que jamais foram. Portanto, é necessário oferecer espaço para diferentes modelos e formatos organizacionais. É preciso dar a juventude a oportunidade de crescer em um sistema democrático confederado. A vanguarda ideológica, como organizações cadre, devem estar abertas a unidades flexíveis que atendam diferentes áreas de interesse, e necessidade. De organizações culturais, artísticas, sociais e industriais, a unidades temporárias ou permanentes, todo tipo de organização da juventude deve estar representada.

**A sociedade é complexa e multifacetada, seria inútil ou errado abordar essa diversidade com apenas uma forma de se organizar.**

Como a sociedade em geral, a juventude também têm camadas diversas, e como ela só pode ser organizada por uma ampla variedade de abordagens. Como essa forma de se organizar, o estado pode ser superado e deixado para trás, e as pessoas podem encontrar seus lugares na fábrica social e se institucionalizarem. Se a juventude não estabelecer tal sistema confederado para a organização de suas atividades fundamentais, eles não salvarão a si mesmos de cometerem os mesmos erros da esquerda estatista. Como consequência, essa é uma tarefa que não pode ser adiada.

**2.** O Komalên Ciwan, como liderança da organização confederada da Juventude Apoísta, busca desenvolver organizações em todas as áreas para transformar o potencial da juventude em força, derrubando as estruturas baseadas em classe e construindo uma sociedade democrática e comunal.

**Reconhece o colonialismo e o capitalismo como principais problemas da juventude.**

Busca ganhar força para cumprir o pioneirismo da missão de construção da sociedade democrática-comunal através da transformação, acima de tudo, da juventude do Curdistão, mas também de outros círculos jovens nas sociedades vizinhas em uma força efetiva ao uni-los em organizações. É sua missão central operar essas organizações em todas as áreas da vida. Expressa a política do Komalên Ciwan para desenvolver academias de livre pensamento jovem como combate as instituições educacionais do sistema capitalista, que atordoam a consciência e são baseados na memorização; para desenvolver cooperativas de trabalhadores, nas quais o entendimento de produção coletiva e distribuição igual em sua base, para combater a administração da dependência econômica da juventude; assim como desenvolver espaços para o comunalismo democrático criar uma nova sociedade ao espalhar organizações políticas nas quais a juventude elabora e aplica decisões sobre si. Dentro da estrutura organizacional do

Confederalismo da Juventude Democrática, também é preciso lidar com o problema de se tornar as massas. É o fator mais importante que determinará o nível de falha ou sucesso organizacional do Confederalismo da Juventude Democrática. Nós sabemos muito bem pelas lições aprendidas na história da nossa luta que se tornar uma força significa organização.

**O nível de organização transforma o indivíduo e a sociedade em força.**

Isso se aplica ainda mais a juventude. A organização do movimento jovem é sua fonte de força. Quanto melhor a juventude estiver organizada, o mais forte será e mais consciência terá. A esse ponto, é importante que toda juventude participe de alguma forma no Confederalismo da Juventude Democrática, que todos estejam organizados e que ninguém seja deixado para trás.

**Esse ideal, de não deixar as pessoas jovens desorganizadas, não deve ser visto como uma abordagem Utópica.**

O Confederalismo da Juventude Democrática; com uma determinada práxis; pode incluir todas as pessoas jovens uma vez que tenha se determinado como diferentes círculos vão se organizar e uma vez que os problemas e contradições desses círculos tenham sido analisadas. Tal potencial organizacional existe.



**3.** É importante que, com criatividade e as soluções sugeridas para o Confederalismo da Juventude Democrática no Oriente Médio, o levante regional da juventude alcance um sistema de continuidade nas instituições que assegure uma unidade regional da juventude revolucionária.

**Essa estrutura permite ao movimento da juventude revolucionária no Curdistão formar alianças com organizações da juventude em suas comunidades vizinhas.**

Principalmente com a juventude dos movimentos jovens de esquerda na Turquia, e passar a construir suas próprias alianças. Para poder formar uma plataforma comum, é possível se aliar a outras estruturas da juventude de esquerda, e com todos os guerreiros Gezi-Park que distinguem a si mesmos da esquerda, que é próxima do exército kemalista. Através do papel pioneiro desempenhado na Conferência da Juventude Democrática do Oriente Médio, pode se virar cada vez mais para a busca de uma unidade confederal em todo o Oriente Médio. Nesse ponto, a emergência de um escape ao capitalismo, e a resistência da Primavera Árabe, puderam ser usada como uma vantagem. É uma inegável realidade que um bom entendimento dessa vantagem e essa oportunidade poderiam vir a ser revolucionárias e capaz de estabelecerem novas fundações.

**Existem muitas fundações para alianças no nível internacional.**

O intenso crescimento de movimentos estudantis no Chile, a organização da juventude do movimento dos sem-terra no Brasil, a juventude zapatista no México, a juventude das FARC na Colômbia, as atividades da juventude antifascistas amplamente espalhadas pela Europa, a juventude basca e catalã na Espanha, a juventude córcega na França, as organizações da juventude antifascista na Ucrânia, o intenso crescimento dos movimentos jovens contra a globalização ao redor do mundo, carregam um potencial; que não deve ser subestimado; para uma juventude revolucionária internacional.

**Essa é a maior das utopias para o movimento da juventude revolucionária do Curdistão, nunca se separar de seus sonhos, se unindo com todos esses incontáveis movimentos e grupos de oposição, com ênfase no anticapitalismo, para criar um espírito da juventude revolucionária com uma segunda revolução de 1968.**

Se essa postura e esforço organizativo é exposto com sinceridade, então a Juventude Apoísta do Curdistão será a força motriz da luta da juventude democrática revolucionária, e maior exemplo do potencial dos movimentos da juventude, não apenas em toda região, mas ao redor do mundo ●





## Forças de defesa das nacionalidades Karenni em Myanmar enviam mensagem de solidariedade a Rojava

**«Queridos camaradas em Rojava,**

*Nós estamos tristes em ouvir sobre os recentes ataques aéreos contra alvos não-militares, incluindo civis e infraestrutura civil em Rojava. Nós entendemos as dificuldades, sacrifícios, e a coragem de nossos irmãos e irmãs em Rojava, já que suportamos a crueldade de uma ditadura militar por mais de 70 anos.*

*Em nosso país, a junta militar comete atos terroristas semelhantes. Escolas locais, hospitais, estruturas religiosas, campos de refugiados, vilas e cidades são frequentemente alvos de ataques aéreos da junta e de artilharia pesada, além dos crimes de guerra que as tropas da Junta cometem contra nossa população civil.*

*De um movimento revolucionário que a comunidade internacional tem decidido ignorar para outro, nós gostaríamos de dizer “Nós testemunhamos sua luta por libertação e justiça.” A ausência dos que se opuseram ao mal é mais aterrorizante que o próprio mal*

*Devemos continuar a marchar juntos pela derrubada de todo tirano. Nos pomos em solidariedade com todas as forças revolucionárias ao redor do mundo, que abraçam a diversidade racial, religiosa e de gênero.*

*Juntos vamos garantir que o poder administrativo de um país esteja nas mãos do seu povo. Talvez nossos objetivos políticos sejam atingidos e deixem uma forte fundação para a construção de um futuro aliança democrática federal com igualdade nacional, justiça e autodeterminação.»*

**Forças de defesa das nacionalidades Karenni  
– 15/10/2023**

## Guerra Revolucionária Popular – A experiência em Rojava e a atual revolução em curso em Myanmar

Em 2017 o genocídio rohinga era uma bem conhecida série de contínuas perseguições e assassinato de muçulmanos rohinga por parte dos militares burmeses. O genocídio teve dois momentos: o primeiro foi a repressão militar que ocorreu de Outubro de 2016 a Janeiro de 2017, e o segundo tendo ocorrido em Agosto de 2017. A crise forçou mais de um milhão de rohinga a fugir para outros países. A maioria fugiu para Bangladesh, resultando na criação do maior campo de refugiados do mundo. Em Agosto de 2018, um estudo estimou que mais de 24.000 rohingya foram assassinados pelos militares burmeses e budistas locais desde as “operações de limpeza” que começaram em 25 de Agosto de 2017.

A história de Burma também é marcada pela forte presença de golpes militares e contrarrevoluções. A formação do estado e seu caráter nacionalista forçaram minorias étnicas a se organizarem na forma de movimentos por libertação.

As Forças de Defesa Popular são o braço armado do Governo de Unidade Nacional (NUG), um corpo de legisladores e representantes democraticamente eleitos que são amplamente aceitos pela população civil para operarem como governo legítimo de Myanmar. O braço armado foi formado pelo Governo de Unidade Nacional com juventudes de Myanmar e ativistas pró democracia em 5 de Maio de 2021 em resposta ao golpe de estado. Apesar de ter o apoio da maioria do povo de Myanmar, a junta militar os declarou uma organização terrorista em 8 de Maio de 2021.

Além das similaridades de serem minorias atacadas e expostas as políticas genocidas dos estado-nação, o povo curdo e o povo de Burma estão lutando nas linhas de frente não apenas por uma vida livre em que seus direitos e garantias sejam protegidos. Mas também como uma realidade que está em concordância com as éticas e moralidade humanas, onde a pluralidade, multiculturalismo e as diferentes crenças dos povos do território sejam respeitadas.

Mais importante, tais processos revolucionários têm como principal agente o próprio povo, organizado em comunas, comunidades, centros, organizações autônomas. Em ambos lugares a força da luta é da juventude e sua esperança em construir outro mundo. Ambas experiências têm seus processos ignorados pela mídia internacional, já que acontecem no sudeste do mundo. Mais do que nunca, é necessário trazer à tona tanta luta e resistência e demonstrar apoio além da solidariedade ●





## Reflexões sobre autonomia democrática VS Estado-nação

por Duran Kalkan, membro do conselho executivo da KCK  
em entrevista ao Kurdistan Report

**Pergunta: Como podemos entender a autonomia democrática ou o Confederalismo Democrático? É um sistema regionalmente específico, adequado apenas para resolver a situação dos Curdos?**

Posso explicar a autonomia democrática apresentando uma visão histórica, da seguinte forma: o conceito anterior de sociedade não estatal tornou-se mais tarde conhecido como sociedade civil e representou conquistas democráticas. Certos sectores da sociedade conquistaram certos direitos económicos e democráticos através de várias formas de auto-organização. Há algum tempo, os sindicatos dos trabalhadores eram muito fortes, especialmente na Europa Ocidental. Dentro das suas sociedades, conseguiram garantir um certo padrão de vida aos seus membros. A autonomia democrática significa, na verdade, o reforço deste tipo de estrutura organizacional e a sua expansão para várias outras áreas da vida.

**Isto significa transformar as conquistas democráticas numa organização social democrática não estatal.**

O sistema (na Europa Ocidental) baseava-se principalmente na luta de classes. Os trabalhadores, com os seus sindicatos e partidos, tentam conquistar e consolidar os seus direitos através de greves e negociações salariais. A autonomia democrática significa que esta abordagem se estende a todos os segmentos da sociedade. Não só os trabalhadores e as suas organizações sindicais, mas também os jovens, as mulheres, todos os sectores da sociedade podem organizar-se de forma semelhante, expressar os seus próprios planos democráticos e económicos e implementá-los nas suas vidas quotidianas. Podemos fazer isso sem destruir o Estado, mas também sem abrir mão dos nossos direitos ao Estado. Desta forma é criado um novo acordo com o Es-

tado, um novo contrato social. A autonomia democrática ou confederalismo democrático tem como objetivo este acordo. Neste sentido, a autonomia democrática não é um sistema destinado apenas aos curdos. Todos os sectores oprimidos e explorados de qualquer sociedade podem utilizar este sistema, nas condições dadas nas suas regiões do mundo, para alcançar os seus próprios direitos culturais, políticos e económicos. Nesta base, também se pode resolver a questão do género e os problemas da força de trabalho. A autodeterminação dos jovens também pode ser possível. O mesmo se aplica à questão ecológica. Finalmente, se as pessoas de diferentes partes da sociedade se organizarem, poderão resolver melhor os seus próprios problemas e, ao mesmo tempo, surgirão mais formas locais de auto-organização e autogestão. Neste momento, porém, os governos estabeleceram uma centralização extrema através da formação do Estado-nação combinada com um movimento em direção ao fascismo. Ele quer determinar tudo. No entanto, um movimento no sentido de uma organização segundo as linhas da autonomia democrática poderia constituir a base para que as pessoas pudessem governar-se a si próprias. Seguindo tal exemplo, qualquer aldeia, qualquer vila, qualquer distrito ou cidade poderia governar-se.

**A fórmula é: "Estado vs democracia" com o objetivo de reduzir o Estado e expandir a sociedade democrática.**

Este foi inicialmente um modelo para uma solução para a questão Curda. As questões nacionais podem ser resolvidas desta forma. Até questões religiosas podem ser resolvidas desta forma. Isto é particularmente verdade quando diferentes grupos religiosos e étnicos vivem juntos. Mais importante ainda, talvez, as questões económicas também podem ser resolvidas desta forma. A opressão e a exploração podem ser combatidas. Porque

se uma economia centralizada e baseada na exploração fosse substituída por uma economia orientada para as necessidades das pessoas nas bases, soluções para os problemas existentes poderiam ser criadas através deste modelo. Esse é o objetivo do confederalismo democrático. Para setores da sociedade que sofrem com a falta de democracia, este sistema oferece uma alternativa, e este é também o caso, como disse, da libertação das mulheres. Portanto, na minha opinião, este sistema apresenta um conceito que é uma solução para a metrópole capitalista no Ocidente, bem como para as regiões menos capitalizadas do Oriente. Se olharmos para a Europa, já existem os primórdios desta forma de organização. Já falei da sindicalização dos trabalhadores. Em algumas aldeias, os residentes organizaram-se de forma autónoma. Também existia tal forma de organização na tradição da Comuna de Paris. A autonomia democrática é uma forma de organização dirigida contra a hegemonia da modernidade capitalista e a sua tentativa de dominar a sociedade. A economia, a saúde, a educação, a cultura e outras áreas estão organizadas neste próprio sistema. Assim, a exploração capitalista pode ser cercada e limitada. Isto também permite que o sistema estatal que sustenta a exploração capitalista seja limitado e que a organização social democrática seja fortalecida.

### **A Comuna de Paris e as revoluções socialista-democratas devem ser consideradas uma herança.**

A partir desta base, a organização tem de ser transferida para todas as partes da sociedade, para que seja criado um nível de autonomia democrática dentro dessa sociedade. Isso é possível. Tal luta é capaz de envolver grandes setores da sociedade. É uma luta que tenta iso-

lar o sistema dominante – e é capaz de o fazer. Este conceito tem uma abordagem diferente daquela da Revolução de Outubro, que aboliu o governo dominante e construiu um novo em seu lugar que poderia supostamente resolver todos os problemas da sociedade. Por que? Em primeiro lugar, esta abordagem ainda não funcionou. Substituir o antigo estado por um novo não é uma solução. O próprio Estado é um meio de exploração. Com ela não se pode trazer a democracia, não se cria liberdade nem igualdade. No final, transforma-se em opressão e exploração. O estado continua sendo o estado, não importa em quem esteja. No final, isso nos levará de volta ao mesmo ponto. É por isso que este paradigma não é solução. Em segundo lugar, de qualquer forma, não é possível implementar tal ideia nas atuais circunstâncias – mesmo que fosse desejada. É simplesmente surrealista acreditar que o sistema estatal dominante possa ser destruído para que a democracia e o socialismo possam ser estabelecidos. Mas digamos que a revolução fosse bem sucedida, mesmo assim esta abordagem não levaria a uma solução sustentável. O chamado “socialismo real existente” demonstrou isso. Isso significa que o estabelecimento do confederalismo democrático ou da autonomia democrática, nas condições em que vivemos, para todos, as mulheres, os jovens, os trabalhadores, é a implementação de uma revolução democrática e socialista. Não para criar um novo Estado, mas para formar uma sociedade democrática; não destruir o Estado atual, mas proporcionar contra ele uma sociedade democrática organizada que restrinja o Estado – esse é o objetivo. Desta forma, as pessoas podem criar o que chamamos de fórmula “Estado versus democracia”. Assim, no confederalismo democrático, as funções que até agora estavam apenas ligadas ao Estado podem ser ar-



rebatadas e transportadas de volta para a sociedade. E a sociedade pode auto exercer estas funções através da sua organização democrática. É assim que podemos entender o confederalismo democrático. Essa abordagem pode ser realizada em qualquer lugar. Portanto, este não é um conceito que se limite a uma área geográfica. Vemos isto como uma forma de resolver todas as questões sociais, e não como um modelo que se destina apenas à solução de problemas étnicos ou religiosos.

**Todas as questões de liberdade e democracia podem ser resolvidas com este sistema.**

Se cada grupo social se organizar e defender os seus próprios interesses, então a autonomia democrática também poderá encontrar soluções para os problemas que têm vivido no sistema capitalista. É um sistema que pode oferecer soluções para questões nacionais, religiosas e étnicas, especialmente no Leste. Mas pode ser implementado mesmo nos centros do capitalismo, porque aí também existe o problema da centralização. Também aí, grandes segmentos da sociedade são sempre excluídos do sistema ou brutalmente explorados e reprimidos por ele. Também aí o sistema ameaça cada vez mais as mentes, os corações, toda a vida das pessoas. O sistema tenta direcionar essas pessoas como quer. Podemos ver então que existe uma contradição séria entre as partes da sociedade e o Estado criado pela modernidade capitalista. Isto oferece a possibilidade de que, quando há questões de opressão e exploração, de liberdade e igualdade, possam ser encontradas soluções com base na autonomia democrática. Quando as ideias e pensamentos de autonomia democrática e de confederalismo democrático forem difundidos, acreditamos que mesmo contra a modernidade capitalista serão encontradas novas estratégias e formas de organização para superar tais problemas.

**Pergunta: Este sistema é também uma resposta contemporânea ao internacionalismo proletário?**

Em primeiro lugar, quero dizer que o modelo de confederalismo democrático representa a solução para os problemas sociais que criaram a modernidade capitalista na era do capital financeiro global imperialista. Estes problemas existem tanto nos países que o capitalismo chama de "desenvolvidos", como naqueles países que os "desenvolvidos" exploram. É claro que estes problemas existem em todo o lado. Vão desde o desemprego até problemas étnicos e culturais. Um problema ainda maior é que as pessoas são privadas de suas mentes. Eles não conseguem mais compreender sua própria realidade. Eles não conseguem organizar sua própria consciência. Existe o problema do militarismo. Existem problemas de estado. Fala-se de uma terceira guerra mundial. A qualquer momento poderá eclodir outra nova guerra, por isso há a questão da guerra e da paz. São questões que afetam toda a humanidade. Em alguns lugares, estes problemas são mais graves e noutros lugares ainda existem outros problemas. Todos estes são problemas criados pela humanidade e a sua causa é um sistema estatal em curso há 5.000 anos. Atualmente, estão elevados a níveis

sem precedentes; eles parecem virtualmente intransponíveis. A modernidade capitalista é responsável por isto; o capitalismo de 500 anos. O sistema de confederalismo democrático é a expressão de um caminho que proporciona uma solução para estes problemas. E isso se aplica a todas as partes da sociedade. Não importa em que área estes problemas ocorram, eles podem ser resolvidos com uma organização democrática da sociedade. Se prosseguirmos, poderemos, mesmo que prevaleçam problemas diferentes em locais diferentes, remediá-los com o modelo da modernidade democrática. Nas atuais condições, as forças dominantes, a burguesia, os representantes da modernidade capitalista estabeleceram uma organização que dita ao resto da sociedade que devemos viver de acordo com os seus pontos de vista, de acordo com as ideias dos governantes. Eles impõem seu sistema à sociedade. Em contrapartida, o sistema de autonomia democrática diz: "Não, você não deve ser como eles! Você faz parte da sociedade! Você tem sua própria cultura, sua própria compreensão da moralidade, seu próprio sistema de vida. Você pode resolver seus próprios problemas sozinho. Portanto, você tem que desenvolver e implementar a sua própria modernidade, a sua própria organização e a sua própria compreensão da vida." O líder Apo chamou isso de "Modernidade Democrática" e, em seus escritos de defesa legal, fez este apelo aos grupos sociais, não importa onde no mundo:

**"Organize sua própria modernidade democrática. Você não é forçado a viver o capitalismo. Você também pode viver a democracia."**

É por isso que se pode criar um sistema livre baseado no pluralismo, na justiça e na solidariedade. Todos vocês podem se organizar de forma independente e, sem ser um estado, construir suas vidas juntos. Desta forma será possível superar os problemas de opressão e exploração criados pelo capitalismo. Se as pessoas estiverem prontas para adotar esse modelo como uma solução para si mesmas, ele poderá ser implementado em qualquer lugar do mundo. Com a compreensão "real-socialista" da revolução, dizia-se que a revolução irromperia primeiro na Europa. Depois foi dito que não, não na Europa, mas na Ásia. Ou não, primeiro nas colônias ou nos países menos desenvolvidos. A compreensão da modernidade democrática supera tal visão. A modernidade democrática significa organizar, para dar uma nova vida ao socialismo democrático. O nosso presidente formulou isto como uma teoria, dizendo que a modernidade democrática representa o sistema para o socialismo democrático. Em todo o mundo existem problemas urgentes. Ao mesmo tempo, em todo o mundo, a resistência revolucionária pode ser vivida e uma organização democrática revolucionária pode ser criada e, assim, os problemas sociais podem ser superados. Isto é verdade da América à Europa, da Ásia à África. Mas cada um terá que resolver isso de acordo com seus próprios problemas.

**Nesta situação, é claro que o internacionalismo ganhará um novo significado.**



Costumava-se considerar que se uma força revolucionária emergisse em algum lugar e conseguisse estabelecer um Estado, esta força assumiria o papel de liderança do internacionalismo, e então esta força espalharia o internacionalismo por toda parte. Com o tempo, porém, perdeu esta função internacionalista e transformou-se numa forma de hegemonia. Tomemos o exemplo da União Soviética, que foi criticada nesta base por outros socialistas, mesmo antes da sua decadência. Eles salientaram que não produziu um "novo internacionalismo" como afirmava, mas, em vez disso, criou uma forma de hegemonia usando imagens socialistas.

**Com esta abordagem, o internacionalismo não conseguiu desenvolver-se.**

Mas com a abordagem da modernidade democrática, o caminho para o internacionalismo é reaberto. Onde quer que se desenvolva um sistema de autonomia democrática e onde surjam organizações sociais democráticas em oposição ao Estado, podem ser estabelecidas relações de solidariedade entre essas organizações em qualquer parte do mundo. Assim, a solidariedade internacional se desenvolve. Para uma vida livre, pluralista e justa para todos os oprimidos, cada trabalhador, na verdade, todos os membros da sociedade que vivem do seu próprio trabalho, devem relacionar-se uns com os outros de forma a estabelecer uma solidariedade mútua. Isto, na sua máxima lógica, conduziria, naturalmente, a uma nova forma de solidariedade internacional. Tal solidariedade não visa tornar outros dependentes deles ou expandir a sua própria hegemonia, mas existe como solidariedade internacional no verdadeiro sentido. Porque o próprio sistema é democrático, baseado na solidariedade mútua. É por isso que não importa em que parte do mundo nos encontremos, esta solidariedade baseia-se nos valores da liberdade e da justiça. Ninguém terá a oportunidade de colocar outra pessoa

sob sua influência para controlá-los ou assimilá-los. Nesse sentido, a pergunta está correta. O velho paradigma do socialismo, que estava ligado à ideia de Estado, ou melhor, à tentativa de socialismo, não conseguiu construir o internacionalismo. Em vez disso, gerou novas hegemonias. Em contrapartida, a Modernidade Democrática, através da estrutura do confederalismo democrático, impede a formação de novas hegemonias.

**Neste sistema apenas deveriam surgir relações, alianças e redes de solidariedade baseadas na justiça e na liberdade. Esta é a nossa nova forma de internacionalismo ●**



## Erguendo a bandeira pela liberdade de Abdullah Öcalan com os povos Guarani e Kaiowá



### Um artigo do Comitê Lêgerin Abya Yala

Em 30 de outubro, membros do Comitê Lêgerin Abya Yala se encontraram para um projeto colaborativo em território ancestral dos Guarani Kaiowá, recuperado das mãos de latifundiários da região de Dourados, Mato Grosso do Sul (Brasil). O objetivo desse projeto era comemorar os cinco anos de resistência neste tekoha ; como os Guarani kaiowá se referem a seus territórios ancestrais, que significa 'lugar onde podemos realizar nosso jeito de viver'. Essa resistência tomou a forma de plantio de árvores, da recuperação da terra danificada por monoculturas, o semeio de plantas medicinais, a instalação de fossos para fortalecer a autonomia hídrica, e a organização de solidariedade entre cidade, campo e territórios indígenas no contexto de profunda violência exercida quase sempre por latifundiários e pelo estado brasileiro contra essas pessoas. Esse território tem sido sujeito a ataques constantes por donos de terras e militares desde 2018, e muitos membros dessa comunidade foram seriamente feridos. Somente esse ano, em 2023, mais de dez ataques foram registrados, incluindo emboscadas noturnas com armas de fogo, a destruição de casas, e ataques químicos com pesticidas. Os Guarani Kaiowá são o segundo maior grupo indígena do Brasil, com cerca de sessenta mil pessoas, e seu território é dividido entre quatro estados nacionais : Brasil, Argentina, Bolívia e Paraguai. No fim dos anos 70 eles começaram a

se organizar em assembleias populares como Kuñangue AtyGuasu, assembleia de mulheres, e a Retomada AtyJovem, da juventude ; e para avançar a recuperação, «retomada», de seus territórios ancestrais. Isso, organizado após o intenso genocídio e epistemicídio que sofreram desde o século 19, no contexto da Guerra da Tríplice Aliança e a formação das « reservas indígenas » nas primeiras décadas do século 20. Nesse contexto, o objetivo era removê-los a força de suas terras para dar lugar ao avanço da colonização na região centro-oeste do país. Essa região é um dos centros do neo-extratativismo e monoculturas no Brasil e justamente por isso, onde as estatísticas violência e assassinatos contra os povos são mais alarmantes, juntamente com o contexto de extrema vulnerabilidade, fome, e a superexploração de trabalho indígena.



Somente na área ao redor da reserva indígena da cidade de Dourados, há aproximadamente dez retomadas territoriais. Foi nesse contexto que o Comitê Lêgerîn participou da organização do trabalho coletivo com outros movimentos, coletivos e trabalhadores em solidariedade. Na defesa da Mãe Terra e em defesa da recuperação territorial Guarani Kaiowá, a importância do internacionalismo e da solidariedade entre os povos também foi debatida. Assim, foi aberto o diálogo sobre Abdullah Öcalan e seu papel na luta por libertação do povo curdo e as pessoas do mundo. Nessa ocasião, nós coletivamente tremulamos a bandeira da liberdade de Abdullah Öcalan, um presente e uma memória da longa marcha pela liberdade de Reber Apo, na qual alguns membros da Lêgerîn Abya Yala participaram. Essa ação é parte da campanha internacional «Liberdade para Öcalan. Solução política para a questão curda» e, por esse motivo, também acontece como exigência por notícias imediatas sobre sua saúde e bem-estar, para que ele possa falar com sua família, seus advogados, e sair do absoluto isolamento que já enfrenta a 24 anos.

Nós entendemos os curdos como pessoas indígenas, e portanto também encheremos todas as lutas são na verdade uma só luta. Os camaradas Guarani Kaiowá, desde seus prisioneiros políticos e seus mártires históricos e contemporâneos, unem-se a luta para libertar a terra dos efeitos catastróficos da modernidade capitalista que começou a mais de 523 anos atrás. Foi declarado que das retomadas territoriais dos Guarani Kaiowá e seus aliados revolucionários, nós também lutaremos pela liberdade de Reber Apo, pois libertá-lo é parte da libertação da humanidade.

Pela memória de Alex Lopes, Vitor Fernandes, Marcio Moreira, Vitorino Sanches e a líder espiritual Estela Vera, assassinados em 2022 em massacres [Massacre de Guapo'y] e emboscadas. Em memória de Sebastiana Gauto e Rufino Velasquez, líder espiritual queimado vivo nos ataques de Setembro de 2023, por defender seu território, e aos mártires da luta revolucionária do movimento de libertação curdo, nós continuaremos a tecer e semear resistência ●

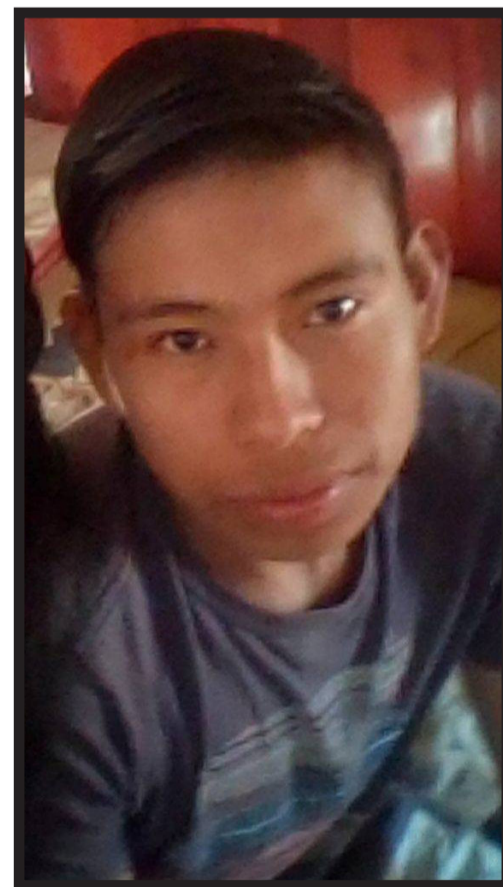
**Comitê Lêgerîn  
Abya Yala**



**Şehid Nhandesy  
Sebastiana Rufino**



**Şehid Vitorino  
Sanches**



**Şehid Alex Lopes**



**Şehid Marcio Moreira**



**Şehid Nhandesy Estela Vera**



## Por um novo Internacionalismo das Mulheres : Confederalismo Democrático Feminino Mundial

### Conferência Internacional de Mulheres em Frankfurt, 2018

O primeiro princípio da luta pela libertação das mulheres é organização. Liberdade não pode ser alcançada sem organização. É necessário transformar protestos em estruturas permanentes. O comprometimento das mulheres com a mudança sistêmica, em nosso momento do começo do século 21 torna essa luta por liberdade possível. Portanto nós devemos elevar o nível da nossa luta. Devemos organizar nossa oposição e organizar nossa luta contra sistemas de governos autoritários e ditatoriais. Se nossos esforços não forem integrados em um movimento coesivo, a libertação das mulheres estará contendo a si mesma. É chegada a hora de fazer a revolução das mulheres uma realidade e transformar o século 21 no momento da liberdade das mulheres. As condições são mais favoráveis do que nunca.

**As a Kurdish women's freedom movement, we propose the name: Worldwide Women's Democratic Confederation for the Unification of Global Women's Struggles.**

Como movimento de libertação das mulheres curdas, nós propomos um nome: Confederalismo Democrático Feminino Mundial pela Unificação das Lutas Femininas. O objetivo do confederalismo das mulheres é melhorar

a unidade das lutas femininas preservando nossa autonomia. Como movimentos e organizações de mulheres, nós devemos ser capazes de desenvolver atitudes em comum, superar divisões, definir táticas e estratégias de luta em comum, e cooperar para construir mecanismos em comum. Nós precisamos discutir e conjuntamente definir os princípios de organização necessários para isso. O contrato social, onde nos declaramos um movimento em 2002 e no qual nós estamos trabalhando novamente, pode oferecer um modelo fundamental que em breve compartilharemos com você.

O confederalismo democrático das mulheres não é um conceito totalmente desenvolvido ou um programa. Ao contrário, nós estamos em um processo de discussão que tem sido inspirado, entre outras coisas, por

*a) Os desenvolvimentos dos últimos anos no Curdistão, especialmente o processo revolucionário de Rojava.*

*b) O aumento da participação de grupos internacionais neste processo, assim como a representação de curdos em outras partes do mundo.*

*c) O caráter da nossa época, os efeitos nas mulheres, e em contexto, a necessidade histórica de realizar a revolução das mulheres.*

Além disso, existem desenvolvimentos internos dos movimentos de libertação das mulheres no Curdistão em nível ideológico, organizacional, estrutural, político e social como a Jineoljî, Co-Presidências, organizações confederadas de movimentos de mulheres. Por exemplo, a maior organização guarda-chuva de mulheres curdas renomeou a si de KJB (Koma Jinên Bilind, Alto Conselho das Mulheres) para KJK (Komalên Jinên Kurdistanê, Comunidades de Mulheres do Curdistão) na assembleia geral extraordinária na Primavera de 2014. Isso não foi apenas uma mudança de nome, mas uma reestruturação de acordo com o confederalismo democrático como concebido por Abdullah Öcalan. Nesse sentido, o KJK não é apenas a maior organização guarda-chuva do movimento de mulheres do Curdistão, mas também, uma estrutura confederada.

### Aprendendo democracia

Confederalismo Democrático é um projeto político de democracia de base em uma crítica fundamental ao estado-nação. Confederalismo Democrático é portanto a alternativa política para nosso mundo capitalista de estados-nação modernos. Öcalan descreve sua função e papel no terceiro ("Sociologia da Liberdade") dos cinco volumes de seu Manifesto da Civilização Democrática, como segue (em tradução livre): "Confederalismo Democrático é a forma política fundamental da modernidade democrática. Expressa um papel vital no trabalho de reconstrução e a ferramenta de política democrática mais apropriada para a elaboração de soluções. Confederalismo Democrático é, portanto, uma alternativa de nações democráticas como o principal instrumento para resolver problemas étnicos, religiosos, urbanos, locais, regionais, e nacionais, cujo ponto inicial é um modelo social fascista, monolítico, homogêneo e monocromático da modernidade capitalista criada pelo estado-nação. Na nação democrática, toda etnicidade, toda religião, toda cidade, todo local, realidade regional e nacional têm o direito de participar com sua própria identidade e estrutura democrática federada."

Confederalismo Democrático como uma estrutura, por outro lado, também é funcional pois ajuda a dismantelar o poder e a dominação e a aprendermos democracia. Direções verticais e horizontais convergem aqui. Inúmeras entidades formam uma unidade organizacional, ao mesmo tempo em que mantém sua autonomia interna. Elas não são organizadas hierarquicamente, em vez disso, representam uma pirâmide invertida na dimensão vertical. Horizontalmente, elas se organizam juntas com outras entidades seja geograficamente ou de acordo com seu conteúdo. Na prática isso significa que, por exemplo, um grupo ecologista local se auto-organiza de forma confederada com grupos ecológicos em outros locais, que são englobados por uma estrutura confederada, mas ao mesmo tempo também está organizada no nível local com os grupos de mulheres, municípios, cooperativas, escolas básicas, grupos de jovens, etc. em conselhos.

Essa prática e autodeterminação e autoadministração serve para fortalecer políticas democráticas, o que Öcalan vê como uma unidade de pensamento coletivo, discussão e tomadas de decisão. Para ele, política é oposto de administração estatal. De acordo com Öcalan, o estado é a negação da sociedade política.

### Políticas estão no centro da descoberta de soluções para problemas sociais.

Democracia, por outro lado, exige uma sociedade política para que possa vir a existir. A sociedade política é a sociedade que realiza suas liberdades ganhando poder de pensamento, determinação e ação em aspectos essenciais da vida. Sociedades que não se politizam dentro deste escopo não são capazes nem de determinarem seus destinos, nem determinarem sua democracia. Existe portanto, uma relação inseparável entre políticas, liberdade e democracia. Eles só podem existir juntos. Mais propriamente, nós precisamos de um mecanismo pelo qual o potencial prático e intelectual das mulheres do mundo possa ganhar um formato concreto em escala global e uma efetiva força contrária ao patriarcado possa emergir. Ao fazê-lo, nós devemos ir além de tudo que já existiu, pois estamos em uma fase histórica. Nunca antes, nos 5000 anos de história do Patriarcado a luta pela libertação das mulheres tomou um caráter tão estratégico, e a possibilidade da realização da revolução das mulheres foi tão alta.

Estamos em uma época em que o dilema entre luz e trevas, justiça e injustiça, libertação e escravidão é particularmente evidente na exploração das mulheres. Mas também estamos em tempos onde mulheres insistem em sua própria liberdade como nunca antes. Nenhum século foi tão favorável a realização das liberdades das mulheres quanto o século 21. O confronto com o internacionalismo no século 21 é outro impulso na ideia do confederalismo das mulheres.

### O movimento de libertação das mulheres no Curdistão tem sido desde o início internacionalista, pois é socialista.

Assim como o movimento de libertação curdo dentro da liderança do PKK. Já em sua declaração de fundação em 1978, encerrava com estas palavras: "Vida longa, independência e internacionalismo proletário". Em sua análise político-ideológica do fim dos anos de 1980 e começo dos 1990, Abdullah Öcalan passou a lidar mais com o socialismo e, nesse contexto, também com o internacionalismo proletário, que ele chama de princípio essencial. Em uma análise [1] de Janeiro de 1990, ele descreve a dialética do internacionalismo no PKK da seguinte forma: "Conforme avançamos a revolução curda como movimento de libertação nacional, nós adicionamos o mais essencial conteúdo internacionalista. Tornamos nossa própria revolução um alicerce da revolução turca por um lado, e um pilar estável de

desenvolvimento de libertação nacional e democrática no Oriente Médio, por outro. Nós mantemos uma posição da qual a revolução democrática e o socialismo na Turquia podem encontrar força, e ao mesmo tempo nós somos um apoio que dá força para inúmeros desenvolvimentos democráticos e nacionais de povos menos numerosos. O que isso significa? Que dentro do nosso modelo, nós oferecemos uma resposta significativa para desenvolvimentos democráticos e ao socialismo no mundo. Nesse contexto, o socialismo realizado no PKK é a melhor resposta para os esforços de atualização do socialismo."



### A ideia de um novo internacionalismo não é nova.

Dos anos 90 em diante, Öcalan esteve mais preocupado com o fim do socialismo real, o que então levou a mudança de paradigma no PKK após a virada do século. Ao fazê-lo, ele sempre incluiu a ideia e a prática do internacionalismo. Por exemplo, em uma análise de primeiro de Maio de 1993[2] ele se refere aos becos sem saída com os quais se confronta o socialismo no fim do século 20. Na opinião dele, um dos principais problemas seria que as questões mais importantes do nosso tempo continuam sendo examinadas com análises do século 19. Entretanto, o entendimento de classe deve ser modificado pois a classe trabalhadora como descrita no Manifesto Comunista, por exemplo, não mais existe e o capitalismo não está mais satisfeito com a exploração de classe no sentido mais estrito. Essa época passou. Por certo, esse tipo de exploração ainda acontece, mas é mais presente hoje pois toda a sociedade está presa nesta armadilha. O capitalismo desenvolveu métodos de roubo e opressão que não poderiam ser comparados aos do século 19. Na mesma análise, Öcalan propõe uma nova Internacional e declara necessário a reconceituação da ideologia socialista.

### No próximo passo, a ideologia socialista deve tomar a forma de um programa e então reorganizar-se para a ação.

A ideia de um novo internacionalismo não é nova. Muitos pensadores socialistas lidaram com a questão nos últimos 20-30 anos. Isso inclui Murray Bookchin, que em 1993 escreveu um ensaio intitulado "Um Novo Internacionalismo": "Da perspectiva do fim do século 20, nós certamente devemos exigir mais do que exigiram os internacionalistas do século 19. Nós precisamos construir uma moral de mutualidade na qual diferenças culturais de todos os lados sirvam para avançar a

unidade da humanidade; ou seja, um novo mosaico de culturas vibrantes que enriqueçam os relacionamentos das pessoas e apoiem seu progresso, e que não se dividam e fragmentem em novas 'nacionalidades' e um número crescente de estados-nação."

Para o movimento de mulheres curdas, a questão de um novo internacionalismo para o século 21 tem muito a ver com o caráter dos nossos tempos de uma perspectiva feminina.

Com efeito, constata-se que, que no primeiro quarto do século XXI, a questão feminina está cada vez mais presente como principal conflito social. Abdullah Öcalan declarou no Dia da Mulher de 1998: "Assim como o século 19 foi a era dos partidos burgueses e o século 20 foi a era dos partidos dos trabalhadores, o século 21 será a era dos partidos que puseram a questão feminina como central." Tem ficado evidente quanto certo Öcalan estava naquele começo de século 20. Não apenas nos desenvolvimentos postos em ação sobre a liderança do movimento de mulheres do Curdistão (como a autodefesa das mulheres e o combate ao ISIS [Estado Islâmico], participação igualitária e representação no campo político, o princípio de co-presidência), mas também na crescente luta por liberdade, igualdade, justiça, dignidade e paz mundial. Talvez nunca antes tenham existido tantas mulheres tomando as ruas por seus direitos como hoje.

### Talvez nunca antes tenham existido tantas mulheres tomando as ruas por seus direitos como hoje.

Especialmente o Norte Global que perdeu muitas das suas organizações de mulheres ao longo da liberalização dos anos 90, está em uma fase de refortalecimento. Esse ano, greves de mulheres na Europa, por exemplo, as marchas das mulheres nos EUA, assim

como campanhas como o #MeToo ou #TimesUp, são provas disso. Entre as mulheres do mundo, sensibilização para as questões de gênero está ganhando força conforme o potencial de conflito aumenta. Isso abre possibilidades para a realização da libertação das mulheres. Ao mesmo tempo, como movimentos de mulheres organizadas, nós somos confrontados com a imensa responsabilidade que vem com a necessidade histórica. O movimento de mulheres curdo tem a convicção que o século 21 será o século da revolução das mulheres. Esse processo já começou, como pode ser visto nitidamente em Rojava. Mas o sistema patriarcal tenta de todos os modos frear esse processo histórico. A concentração de ataques misóginos ao redor do mundo é a prova disso. Por isso é imperativo que as mulheres do mundo todo lutem juntas e assim concentrem sua força coletiva. Pois apenas juntos nós podemos lutar efetivamente contra o patriarcado e todas suas formas de exploração e opressão. O sistema hegemônico mundial é altamente organizado. Para o superá-lo, nós precisamos estar, no mínimo tão organizados quanto ele; senão mais.

### Lutando juntas de fato

Como mulheres organizadas para a revolução do século 21, como podemos internalizar essa mensagem? Nas últimas décadas, houve muitas tentativas de formar redes de organizações de mulheres através da qual uma luta comum poderia ser encontrada. Entretanto, nós vemos que os resultados não correspondem as demandas e necessidades do nosso tempo.

Um pilar fundamental do princípio de internacionalismo é a solidariedade internacional. De acordo com a definição marxista, solidariedade internacional também é sobre apoio mútuo. A importância do apoio mútuo entre movimentos revolucionários, movimentos de libertação das mulheres, partidos socialistas de esquerda, organizações anticapitalistas, movimentos de libertação popular, etc. está além de qualquer debate.

### Mas nós também pensamos que devemos avançar rumo uma luta em comum.

Apoio Mútuo orientado pela solidariedade internacional é obviamente necessário. Mas não é o suficiente. Ao contrário, precisamos encontrar formas de lutarmos juntos e defendermos uns aos outros.

Apoio é uma coisa, mas defesa é outra. A defesa vai um passo além, é mais radical em sua natureza. Vocês se apoiam ao se erguerem um ao lado do outro.

### Quando eu defendo alguém, eu me ponho entre ele e o atacante.

Essa é uma qualidade diferente, e motivo pelo qual acreditamos que, para as mulheres, uma reavaliação do princípio de solidariedade internacional é necessário. O

confederalismo democrático feminino mundial representa isto. Somos confrontados por mudanças nas circunstâncias e necessidades. Nós reconhecemos que devemos dar um passo além para responder a estas novas circunstâncias e assim mudar nosso tempo. Nós acreditamos firmemente que estamos em um momento histórico e que somente nós como mulheres podemos impulsionar uma revolução que irá efetivamente combater todas as formas de exploração e opressão.

### A questão da mulher está no coração de todas as questões sociais.

Essa realidade tem sido cada vez mais reconhecida. A consciência de classe e de gênero das mulheres ao redor do mundo tem se fortalecido. Nós precisamos usar essa grande oportunidade para realizar a revolução das mulheres. Mas, para isso, nós também precisamos lidar com formas de organização conjunta e resistência. Como o movimento de mulheres do Curdistão, nós gostaríamos de executarmos nosso papel e responsabilidade buscando pôr nossa experiência ideológica, teórica, política e prática a serviço de todas nossas irmãs. Portanto, nós discutimos a ideia de um confederalismo democrático feminino mundial, tanto como solução quanto como caminho para uma efetiva, radical e democrática luta comum contra o patriarcado. Nós queremos abrir o máximo possível, a discussão que começamos internamente. Pois isso também é de grande importância: que nós tenhamos discussões, encontremos soluções, tomemos decisões e ajamos em conjunto. Só assim nós realmente seremos capazes de lutarmos juntos ●



**KJK (Komalên Jinên Kurdistan, Comunidades de Mulheres do Curdistão)**



## Confederalismo Democrático no Oriente Médio

Cêmil Cûdî

Em seu Manifesto para uma Civilização Democrática, Rêber APO conceituou a revolução no Curdistão como uma Revolução Internacionalista que visa criar uma alternativa à modernidade capitalista no Oriente Médio, desenvolvendo a possibilidade de coexistência comunitária entre as diferentes nações, povos e etnias do território sob a estrutura do Confederalismo Democrático. De acordo com Rêber APO :

**«O Confederalismo Democrático é baseado na experiência histórica da sociedade e em seu patrimônio coletivo. Não se trata de um sistema político moderno arbitrário, mas de um sistema que acumula história e experiência. Ele é o resultado da vida da sociedade. O Estado é continuamente orientado para o centralismo em busca dos interesses dos monopólios de poder. O oposto é verdadeiro para o Confederalismo».**

Em suas análises, Rêbertî argumenta que o Oriente Médio passará por um processo de mudança radical e reformulação geopolítica até o ano de 2030. De fato, desde a Primavera Árabe de 2011, as potências hegemônicas regionais têm exacerbado os conflitos regionais com o objetivo de obter acesso a matérias-primas e estabelecer o controle sobre territórios geopoliticamente estratégicos. Diversos Estados e organizações políticas, desde os agentes da modernidade capitalista, como a Turquia e a OTAN, o Irã e a Rússia, até potências locais,

como o Catar, a Síria, o Líbano, o Egito e outros, estão direta e indiretamente envolvidos nessas disputas. Cada nação tem seus próprios interesses, planos e estratégias para adquirir poder local e se estabelecer no mercado capitalista financeiro internacional.

É evidente que essas disputas contemporâneas não surgiram sem precedentes. Pelo contrário, as raízes desses problemas e do conflito no Oriente Médio se estendem por milhares de anos, diretamente ligados à formação da civilização na baixa Mesopotâmia e à institucionalização de mentalidades hierárquicas e patriarcais na forma do Zigurate<sup>1</sup> e da estrutura dos impérios emergentes. Essa mentalidade e a nova organização social levaram à destruição de diferentes nações, etnias e povos por meio de sua assimilação compulsória em um novo aparato histórico-cultural-religioso. Embora a aparência e as formas dessa civilização tenham mudado consideravelmente antes de chegar à sua manifestação contemporânea nas falácias e máscaras da democracia liberal, as estruturas hierárquicas e patriarcais necessárias para a existência dessa civilização permaneceram consistentes.

**Dessa forma, resolver os problemas que enfrentamos hoje significa reconhecer diretamente as raízes do estado-nação.**



O processo de expansão colonialista e imperialista europeia entre os anos de 1500 e 1900 foi outro fator que aprofundou as contradições no Oriente Médio. Os problemas existentes que envolviam distribuição, divisão de território, disputas locais, disputas étnicas e exploração mineral foram intensificados a partir do momento em que ocupantes de outro continente tomaram as terras da região, declararam-nas como suas e impuseram seu domínio de forma violenta.

Atualmente, há 15 países reconhecidos internacionalmente no Oriente Médio. Por muitos séculos, essa região pertenceu a dois impérios: o Império Persa, que se estendia da parte mais oriental da região do Mar Mediterrâneo até o Rio Indo, e o Império Otomano, que tinha um grande território na parte ocidental. Durante anos, esses dois impérios disputaram entre si e com os países europeus a hegemonia regional. Buscando matérias-primas, mão de obra barata e um mercado consumidor para continuar seu desenvolvimento industrial após a independência dos países americanos, a Europa começou a colonizar a África e a Ásia. Com isso, os dois impérios que ocupavam a área hoje conhecida como Oriente Médio sofreram grandes perdas territoriais. No final da Primeira Guerra Mundial, a França e a Grã-Bretanha dividiram o território do Oriente Médio entre si, criando os protetorados dependentes que desejavam em vez dos Estados independentes que haviam prometido. Assim, a maioria dos atuais Estados do Oriente Médio surgiu no século XX apenas com a permissão da França e da Grã-Bretanha.

**O acordo Sykes-Picot de maio de 1916, assinado pelos Estados britânico, francês e russo, estabeleceu um sistema de governança estrangeiro, colonial e eurocêntrico no Oriente Médio.**

O poderoso discurso de quatorze pontos do presidente americano Woodrow Wilson, dois anos depois, em 1918, ajudou a consolidar a legitimidade da noção de autodeterminação e autonomia para minorias como os curdos e armênios. Em agosto de 1920, o Tratado de Sèvres foi assinado, aparentemente para permitir a retirada das forças turcas das áreas curdas, a fim de possibilitar a formação de um estado curdo autônomo. De fato, os artigos 62, 63 e 64 do Tratado de Sèvres detalharam explicitamente a natureza da autodeterminação curda em termos inequívocos. Entretanto, o abandono dessas promessas em favor do Tratado de Lausanne, que estabeleceu as fronteiras turcas dentro dos territórios curdos, marcou o início de um longo processo de violência estatal e opressão. Para os curdos, Lausanne é um documento que continua a moldar e legitimar sua posição marginalizada e subjugada no Oriente Médio.

*Tratado de Lausanne, 1923*

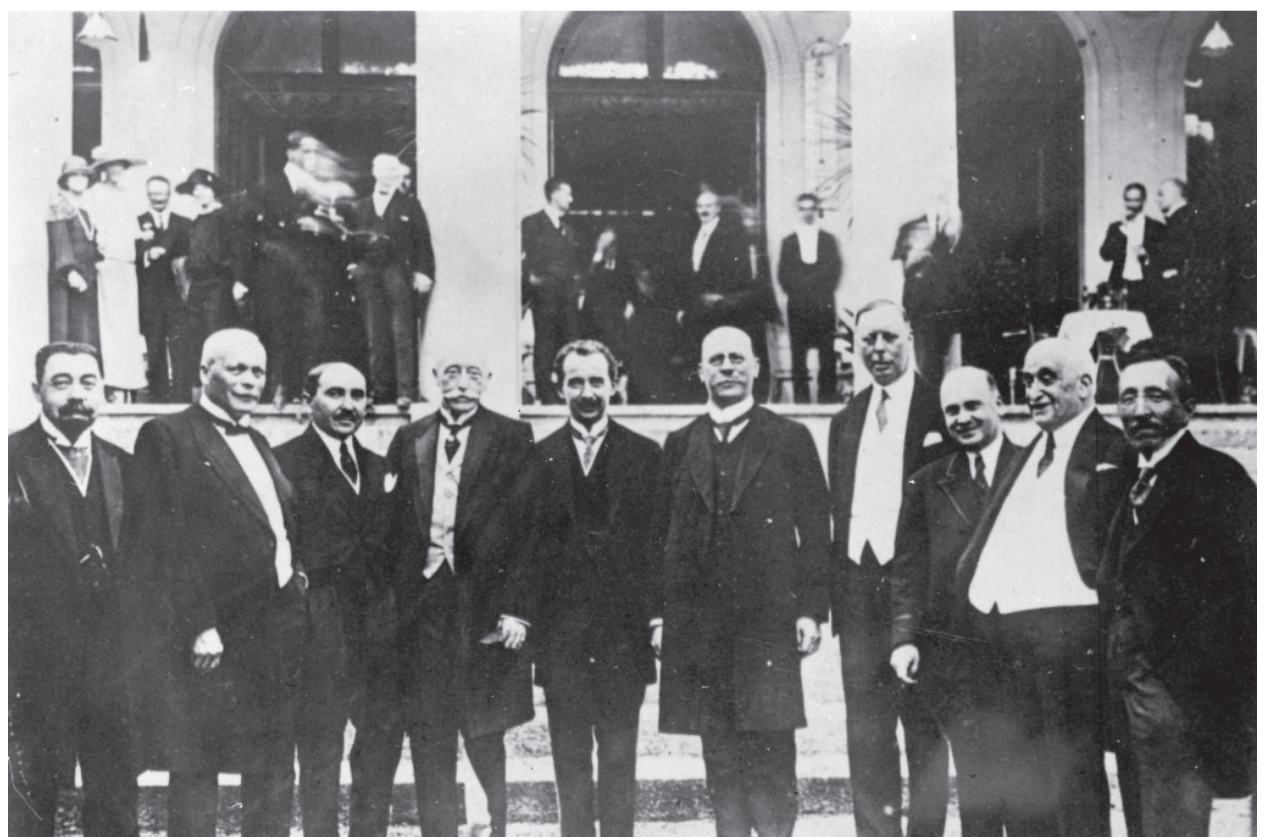
O nascimento da Turquia foi acompanhado por violações colossais dos direitos humanos, limpeza étnica e políticas abrangentes de violência e assimilação que duraram décadas, em detrimento das minorias, especialmente os curdos. Por exemplo, entre 1915 e 1918, mais de 700.000 curdos morreram, de um milhão de pessoas deportadas da Anatólia central e ocidental. No período de 1918 a 1938, devido a uma série de massacres, incluindo os massacres de Kochgiri, Amed, Zilan e Dersim, entre outros, mais de 1,5 milhão de curdos foram deportados ou massacrados. No período de 1984 a 1999, mais de 4.000 vilarejos foram destruídos, 3 milhões de curdos foram etnicamente limpos e deportados à força, e dezenas de milhares foram massacrados no processo. Essas políticas punitivas continuam até hoje.

Conseqüentemente, os curdos, especialmente os do sul e do norte do Curdistão, lançaram uma série de lutas de resistência que foram enfrentadas com níveis brutais e desproporcionais de violência estatal. Por meio dessas ações, foi consolidado o status dos curdos como uma nação subjugada contra a qual o genocídio cultural e a negação de direitos básicos são considerados permissíveis. Esse processo foi repetido em todo o Oriente Médio, em diferentes nações, de diferentes formas e contra diferentes povos, mas sempre sob a mentalidade de nação-estado desde a civilização que proclama a unidade nacional por meio do lema

**«Uma bandeira, um povo, um idioma, uma nação»**

Sob essa lógica, pessoas e grupos dentro de um território nacional cuja existência contradiz esse lema devem ser negados, assimilados ou eliminados.

Reconhecer essas origens históricas é fundamental para entender os processos e os problemas enfrentados hoje no Oriente Médio, especialmente quando pensamos na prática do Confederalismo Democrático para todo o território.



**Um exemplo claro de como a solução do Estado nacionalista não pode fornecer uma resposta a esses problemas é o conflito Israel-Palestina.**

Normalmente, o conflito é analisado apenas em seu período contemporâneo, desde a formação do Estado de Israel em 1949, após o deslocamento forçado em massa do povo palestino no ano anterior, no que ficou conhecido como Nakba. Desde então, o conflito tem se aprofundado e se deteriorado. Em 7 de outubro de 2023, um novo capítulo foi aberto quando o Hamas lançou uma ofensiva militar sem precedentes contra o Estado sionista de Israel, que declarou guerra ao povo palestino e mobilizou 300.000 soldados da reserva - a maior mobilização da história de Israel. O líder fascista Benjamin Netanyahu prometeu transformar a faixa de Gaza em um cemitério quando disse que «os fundamentalistas do Hamas abriram as portas do inferno sob Gaza». Pouco tempo depois, uma salva de mísseis militares foi lançada sobre a cidade e matou dezenas de civis. No momento em que escrevo este texto, já há mais de 1.000 mortos e 4.000 feridos em ambos os lados do conflito, em cerca de 48 horas desde o início da escala militar.

**No final das contas, quem sofre as consequências dessa guerra é o povo e a sociedade civil, seja palestina ou israelense.**

No entanto, enquanto o discurso permanecer em uma base nacionalista e fundamentalista, esse ciclo de violência e mortes estará fadado a se repetir indefinidamente, enquanto a pilha de corpos continua a crescer. O problema se repete em diferentes territórios, seja em uma disputa interna pelo controle de rotas de comércio e exploração, como acontece na Líbia e no Sudão atualmente, seja por interesses externos que envolvem potências hegemônicas no mundo capitalista, como na Síria desde 2011.



Entre 2005 e 2015, o número de migrantes que vivem no Oriente Médio mais do que dobrou, de cerca de 25 milhões para cerca de 54 milhões, de acordo com uma análise dos dados das agências das Nações Unidas. A maior parte do aumento da migração, especialmente após 2011, foi resultado de conflitos armados e do deslocamento forçado de milhões de pessoas de suas casas e de seus países de origem. O sistema capitalista promove a imigração devido aos seus interesses econômicos, políticos e sociais em uma região que resiste aos ataques da modernidade e do neoliberalismo. Alienar e influenciar os jovens cujas vidas não têm perspectivas de melhoria e apresentar a Europa como uma terra prometida de civilização é um dos principais mecanismos dessa guerra especial travada diariamente contra os jovens do Oriente Médio.

**Os jovens do Curdistão servem como um exemplo prático de como o sistema tem como alvo os jovens.**

As leis de imigração servem ao capitalismo de duas maneiras. Primeiro, elas garantem mão de obra estrangeira barata quando a economia doméstica precisa dela. Em segundo lugar, elas permitem maior controle sobre toda a força de trabalho. A maioria das economias avançadas do mundo capitalista foi construída com base na mão de obra migrante, o que significa que não é coincidência que o alvo dessa política sistemática de criar imigrantes e usá-los como mão de obra seja a juventude. Durante a crise de refugiados gerada pela guerra na Ucrânia, ficou evidente a diferença de tratamento entre os imigrantes europeus e os imigrantes do Oriente Médio ou da África, pois todos os países europeus abriram suas portas e ofereceram moradia e emprego a esses imigrantes gratuitamente.

A análise de um apresentador de televisão europeu foi manchete em todo o mundo quando analisou a diferença entre os imigrantes ucranianos e sírios, tratando um como uma sociedade civilizada e o outro como bárbaros sem educação.

Hoje em dia, devido a essa realidade, os jovens que emigram para os centros da modernidade capitalista são considerados bodes expiatórios e criminosos perigosos por grande parte da população local, que não aceita as diferenças culturais e históricas das diferentes realidades. Sob o olhar colonizador e eurocêntrico, as sociedades europeias veem esses imigrantes como seres humanos de segunda classe, aptos apenas a servi-las (isso é evidenciado pelos empregos atribuídos aos imigrantes e por sua marginalização social). A maioria desses jovens e suas famílias acabam vivendo em campos de refugiados, tratados como prisioneiros em liberdade condicional e sempre vistos com desconfian-

ça. Influenciados por essa realidade e ainda acreditando em sonhos de aspirações pessoais contados pela propaganda enganosa da mídia digital, esses jovens se encontram em uma encruzilhada cruel e aparentemente insolúvel. Ou aceitam a realidade imposta pelo sistema e sua marginalização social, sua convivência arbitrária e a desconfiança constante, ou se submetem a grupos organizados que usam o tema do caos social em benefício próprio. Não é de se admirar que grupos nacionalistas europeus usem esse argumento para trazer à tona a questão da anti-imigração, tentando mascarar sua realidade racista e fascista.

Para combater essa realidade deprimente e desumana, é preciso se aprofundar no paradigma de Rêber APO e nas soluções apresentadas por ele, especialmente no entendimento da Nação Democrática e do Confederalismo Democrático como alternativas à modernidade capitalista. Com relação ao tema, ele afirma que :

«O Confederalismo Democrático pode ser descrito como um tipo de autoadministração, em contraste com a administração do Estado-Nação. Entretanto, sob certas circunstâncias, a coexistência pacífica é possível, desde que o Estado-nação não interfira nas atividades centrais da autoadministração. Tais intervenções exigiriam a autodefesa da sociedade civil. O Confederalismo Democrático não está em guerra com nenhum Estado-Nação, mas não ficará de braços cruzados diante dos esforços de assimilação. A derrubada revolucionária ou a fundação de um novo Estado não gera mudanças sustentáveis. No longo prazo, a liberdade e a justiça só podem ser alcançadas em um processo dinâmico, confederado e democrático. Nem a rejeição total nem o reconhecimento total do Estado são úteis para os esforços democráticos da sociedade civil. A superação do Estado, em especial do Estado-nação, é um processo de longo prazo. O Estado será superado quando o Confederalismo Democrático tiver demonstrado sua capacidade de resolver problemas relacionados a questões sociais.

Isso não significa, no entanto, que os ataques dos Estados nacionais devam ser tolerados. As confederações democráticas manterão suas forças de autodefesa em todos os momentos. As confederações democráticas não se limitarão a se organizar em um determinado território. Elas se tornarão confederações transfronteiriças quando as sociedades envolvidas assim o desejarem.»

A prática do Confederalismo Democrático, hoje vivenciada na Região Autônoma do Norte e Leste da Síria, no campo de refugiados de Rustem Cûdî, em Mexmûr, e em Shengal, é a prova viva de que uma alternativa viável e prática é capaz de apresentar uma solução para os problemas da modernidade capitalista.

**Sob a linha da Libertação das Mulheres, da Ecologia e da Democracia, as organizações populares e a participação popular nas estruturas da Revolução apresentam os mecanismos e os meios para superar esses problemas.**

Atualmente, o sistema de autonomia democrática de Rojava está organizado em quatro níveis. Em cada um desses níveis há comissões, formadas por representantes e ativistas, que trabalham em oito áreas: mulheres, defesa, economia, política, sociedade civil, sociedade livre, justiça e ideologia. As comissões de mulheres têm um status especial entre as comissões, pois são divididas em conselhos. O conselho de mulheres (em nível comunal, são chamados de comunas de mulheres) escolhe elas mesmas a copresidente: os homens não podem contribuir para a decisão. Além disso, a participação das mulheres não se restringe apenas a essa área; nas outras sete áreas, a estrutura deve ser composta por pelo menos 40% de mulheres para que qualquer decisão seja tomada.

No Confederalismo Democrático, todas as formas de expressão são vistas como complementares para a busca de uma vida livre e comunitária, já que cada nação, etnia e religião pode expressar sua cultura e idioma livremente, sem deixar de estar conectada ao sistema democrático.



Por exemplo, hoje em Rojava, árabes, curdos, turcomanos, assírios e sírios vivem juntos sob o mesmo sistema, compartilhando a mesma realidade e o mesmo modelo de organização e sociabilidade.

**Essa realidade contradiz o argumento nacional-estata de que a integração em uma identidade nacional dominante e compartilhada é a única forma de coexistência pacífica.**

A prática do Confederalismo Democrático prova que a coexistência respeitosa e pacífica entre pessoas diferentes é o verdadeiro caminho para uma solução democrática e livre na sociedade. Apesar disso, está claro que ainda ocorrem problemas e que a mentalidade comunitária e libertária ainda não se consolidou completamente, permitindo que os Estados da região manipulem a narrativa para produzir tensões entre grupos.

Recentemente, a mídia dos países árabes, apoiada pela propaganda iraniana, noticiou uma «revolta árabe na região autônoma da Síria contra a opressão curda», quando na verdade se tratava de uma ação coordenada por milícias nacionalistas iranianas e sírias, com o objetivo de recuperar o controle estratégico da região e legitimar suas ações por meio do discurso étnico-nacionalista. A realidade não poderia estar mais distante, pois as instituições revolucionárias são sempre formadas por membros de diferentes etnias e religiões, sempre de acordo com a realidade material de cada local. Por exemplo, a região de Deir Ez-Zor é quase totalmente árabe, o que significa que os árabes participam de seus municípios e comunas, respeitando as tradições religiosas e compreendendo as diferenças locais entre tribos e clãs. É evidente que a linha revolucionária está presente em toda a educação, que tem como objetivo criar uma mentalidade livre em que o tradicionalismo feudal e patriarcal seja desconectado da nova sociedade.

Para o desenvolvimento desse processo, deve-se observar a compreensão prática de cada realidade, levando em conta seu processo histórico, suas características e peculiaridades para, então, junto com o povo e as estruturas revolucionárias, entender como lidar com os problemas da vida cotidiana. A diferença em relação ao modelo de Estado-nação está no fato de que as soluções são buscadas na base da sociedade e não por aqueles que têm riqueza e poder. Dessa forma, o poder não é delegado apenas a um representante parlamentar, mas é exercido por cada pessoa, desde sua comuna até a assembleia e o município.

**Ter uma linha clara para o desenvolvimento de uma sociedade decolonial e antipatriarcal é essencial para o avanço de uma alternativa viável para o Oriente Médio.**

A práxis que está sendo vivida nas regiões libertadas de Rojava, Mexmur e Shengal é uma prova viva de que outro mundo é possível, outro sistema não está longe da realidade, que existe uma alternativa à modernidade capitalista e sua realidade desumana. A linha internacionalista dessa Revolução, desde seu início, teve como objetivo se espalhar na região e, por meio de suas práticas, tornar-se um modelo viável para todos os povos oprimidos. Precisamente por esse motivo, milhares de internacionalistas estiveram e estão presentes no território livre de Rojava para aprender e aprofundar sua compreensão da Revolução.

Há alguns anos, foi realizada a conferência da juventude revolucionária do Oriente Médio e do Norte da África. Durante essa conferência, mais uma vez, o paradigma da Rêber APO foi visto como uma maneira viável e real de criar outra realidade na qual os problemas enfrentados pelos povos oprimidos se tornem realidade. A juventude tem o papel fundamental e essencial na vanguarda dessa mudança, organizando-se radicalmente para construir as bases da tão desejada ideia do Confederalismo Democrático global. Dado seu histórico de violência colonial e opressão estatal, o Oriente Médio é um dos lugares mais viáveis e necessários para que essa realidade se concretize. Não é de se admirar que, a cada ano que passa, o número de jovens árabes que se juntam à Revolução e ao partido revolucionário cresça. Rêber APO e o PKK veem a renovação do internacionalismo e a renovação do socialismo como projetos compartilhados e que se reforçam mutuamente, argumentando que «resistir ao socialismo é resistir à humanidade».

**Consequentemente, insistir no internacionalismo revolucionário é insistir em nossa própria existência ●**





**OS  
MÁRTIRES  
NUNCA  
MORREM**

**Em memória de Ş. Azad Şerger**

**1994 - 2023**

## Os mártires nunca morrem : em memória de Şehid Azad Şerger

**Em 15 de junho de 2023, o internacionalista e guerrilheiro alemão Ş. Azad Şerger, a revolucionária turca Ş. Asya Kanîreş e o guerrilheiro Ş. Koçer Medya, do Curdistão Oriental, morreram na luta contra o fascismo turco.** Os três militantes do PKK faziam parte de um grupo de ataque em uma incursão bem-sucedida em um posto militar turco na região curda de Xakurke, no sul do país. O exército turco está tentando manter esse posto desde sua invasão em 2018 e ele tem sido repetidamente alvo das unidades de guerrilha das Forças de Defesa do Povo HPG. Ş. Azad, Ş. Asya e Ş. Koçer, juntamente com seus companheiros, eliminaram um total de 18 invasores e destruíram completamente o posto militar. Quando a liderança do exército turco percebeu que suas forças na área haviam sido eliminadas, a área foi atingida por ataques aéreos e de artilharia. Ş. Azad, Ş. Asya e Ş. Koçer caíram durante a retirada após a ação.

### As Forças de Defesa do Povo HPG disseram sobre a morte dos três camaradas :

*«Asya, a corajosa filha do povo do Mar Negro, Azad, estimado socialista da Alemanha, e Koçer, de Rojhilat, representante do espírito de unidade nacional, juntaram-se à luta com grandes sentimentos internacionalistas e uma grande crença na ideologia do PKK baseada nos valores da democracia e do socialismo. Em uma época em que o nacionalismo estava colocando os povos uns contra os outros, eles deram a resposta mais significativa ao se juntarem às fileiras do PKK e se tornaram representantes do PKK com suas ações. Com grande coragem e espírito de sacrifício, eles avançaram contra o inimigo e demonstraram de forma impressionante nossa invencibilidade. O espírito de sacrifício desses bravos camaradas, sua consciência por uma nação democrática e o grande ideal do socialismo combinado com a filosofia Apoista são para nós a essência da luta pela libertação a partir de agora. Resistiremos continuamente por uma vida com os pilares básicos de liberdade, democracia e socialismo para toda a humanidade. Esse era o ideal de nossos amigos, um ideal que eles não hesitaram nem por um momento em demonstrar prontidão para se sacrificar pela sua realização. Como HPG, prometemos manter a memória de nossos companheiros altruístas viva para sempre, trilhando seu caminho de liberdade e alcançando seus objetivos de todas as formas. Às famílias de Asya, Azad e Koçer e aos povos turco, alemão e curdo, oferecemos nossas condolências.»*

Ş. Azad, que nasceu em 1994 na pequena cidade de Mainburg, na Baixa Baviera, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores do Curdistão ainda jovem, em 2016, e tornou-se um exemplo de internacionalismo em ação no século 21 com sua vida e luta. Ele percebeu muito cedo a importância da luta de libertação no Curdistão e, em particular, a importância que a revolução da esperança em Rojava e no norte e leste da Síria teria para a ressurreição da luta revolucionária e a ideia do próprio socialismo. Ele entendeu imediatamente que a luta que está sendo travada no Curdistão e no Oriente Médio não é apenas a luta dos povos locais, mas que a luta do Partido dos Trabalhadores do Curdistão é a luta universal da humanidade livre. Guiado por essa percepção e sem pensar muito ou mesmo hesitar, ele se lançou na linha de frente dessa luta com uma

firme consciência do que era certo e do que era errado. Azad entendeu profundamente o que o revolucionário Che Guevara quis dizer quando fez sua declaração, tão simples e ao mesmo tempo tão pesada: «O dever do revolucionário é fazer a revolução». Ş. Azad não queria apenas falar sobre a revolução, ler e estudar as histórias de lutas passadas, mas se tornar ele mesmo parte atuante dessa história. Para atingir esse objetivo, ele não poupou esforços nem sacrifícios e estava disposto a dar até mesmo a coisa mais preciosa que possuía: sua própria vida. Ş. Azad morreu para que o sonho de liberdade não permanecesse apenas uma vaga esperança, mas pudesse se tornar uma realidade viva hoje. Com sua atitude, seu modo de vida e sua luta, ele é um modelo para a juventude revolucionária de nossa época.

**Com esse espírito, decidimos compartilhar uma entrevista realizada com Ş. Azad nas montanhas livres do Curdistão no início de 2023 e fazer com que Ş. Azad fale em suas próprias palavras.**

*Pergunta: Um bom momento para todos vocês, queridos telespectadores. Estamos com vocês hoje com o programa «Şopên Gerila» (Os rastros do guerrilheiro). No programa de hoje, um guerrilheiro internacionalista está conosco. Gostaríamos de apresentar a vocês hoje seus sentimentos em relação às montanhas e a história de sua adesão. Saudações.*

Resposta [Azad Şerger] : Boa tarde.

*P : Gostaria de se apresentar?*

A. S : Sim, meu nome é Azad Şerger.

*P : Camarada Azad, como você adotou o nome Azad? Pode compartilhar conosco a história do seu nome?*

A. S : Antes de me juntar à guerrilha, em 2016, quando cheguei ao Curdistão pela primeira vez, fomos para Amed. Essa foi a época da guerra entre o YPS e o YDG-H. Naquela época, conheci um jovem na cidade de Amed. Seu nome também era Azad. Quando conversamos, ele me contou muito sobre seus sonhos de liberdade e seu desejo de viver com seus companheiros (os militantes do PKK). Ele falava muito sobre isso. Depois que voltamos para a Alemanha, eu me filiei (ao partido). Então os camaradas me disseram: «Venha e escolha um nome». Lembrei-me desse jovem e disse: por esse jovem, meu nome será Azad.

*P : E como você escolheu seu sobrenome?*

A. S : Eu disse que meu sobrenome deveria ser «Şerger» (aquele que busca a luta), porque o objetivo da minha adesão é participar da guerra de guerrilha, ou seja, da luta armada e, ao mesmo tempo, nossa luta pela vida continua incansavelmente. Em cada segundo, em cada respiração, temos de estar na luta. É por isso que escolhi esse nome, porque ele deve sempre ser sobre aumentar e fortalecer essa luta. É por isso que considereei o nome adequado.

*P : Então você tenta ser digno desse nome. Como você conheceu o movimento do PKK? Quais eram suas contradições? Como deu o primeiro passo e se juntou ao PKK?*

A. S : Primeiro, conheci o PKK na Alemanha. Eu tinha ouvido falar muito sobre ele. Mas, naquela época, eu não conhecia o partido a fundo. Quando a fase da guerra em Kobani (2014) foi muito intensa, a

resistência dessa cidade ficou muito conhecida em toda a Alemanha e teve grande repercussão. Isso também chamou minha atenção na época e comecei a procurar. E em 2016, quando fomos confrontados com a guerra de autogoverno, o YPS, a luta de guerrilha urbana, (minha busca) chegou ao ponto de uma explosão. Eu disse a mim mesmo que tinha que ir até lá e vivenciar aquilo. E, com base nisso, parti para lá.

*P : Você deu um passo.*

A. S : Sim, dei um passo e conheci o movimento. E pude mais ou menos reconhecer o movimento em sua profundidade. Porque caminhamos juntos com os companheiros. E, com base nisso, tomei a decisão de participar. Vi a realidade da guerra, a luta e o socialismo e conheci o paradigma do líder (Abdullah Ocalan). E fui fortemente influenciada por tudo isso.

*P : O que você leu nos livros de Abdullah Ocalan? Por que você foi influenciado?*

A. S : Especialmente a parte em que o líder fala sobre uma vida livre e relações livres entre homens e mulheres despertou meu interesse. Porque as relações que são vividas no sistema são baseadas em interesses, subjugação e dominação. Além disso, suas avaliações sobre a realidade do Estado, de que forma o Estado tenta desdobrar suas atividades e enganos e iludir, assimilar e oprimir as pessoas, também me interessaram muito. Isso realmente abriu meus olhos.

*P : Bem, na guerrilha vocês entram em ação juntos, como companheiros e companheiras, participam da luta. De que forma vocês lutam? Como foi isso para você? Que experiências vocês tiveram?*

A. S : Pode-se dizer que as relações que vivemos entre nós nas montanhas são todas relações de cooperação. Nas dificuldades e lutas da vida, bem como na luta, e especialmente na prática, todos nós nos ajudamos. Pelo fato de vivermos em dificuldades, temos que aprofundar muito mais a nossa cooperação aqui. Normalmente, há sempre uma certa distância de respeito e estima entre homens e mulheres. Mas na ação, vocês lutam juntos na mesma posição. Se necessário, vocês pegam seus companheiros feridos. Vocês pensam muito mais uns nos outros e viver juntos cria um ideal. Acho que isso é realmente muito bonito.

*P: Você conseguiu participar de ações nas montanhas?*

*A. S: Sim, também pude participar de ações.*

*P: Então você também teve a chance de participar?*

*A. S: Sim.*

*P: Quando você entrou em ação, que tipo de sentimentos isso desencadeou em você?*

*A. S: Foi uma grande alegria e empolgação e me deu um forte moral.*

*P: Você enfrentou alguma dificuldade?*

*A. S: Sim. É claro que no início é difícil. Mas a cada passo que você dá em meio às dificuldades, você também reconhece mais sua própria força e cresce com ela. E então percebe que pode realmente dar passos ainda maiores e atacar o inimigo com ainda mais força.*

*P: Camarada Azad, como você expressa seus sentimentos em relação à vida na guerrilha? Como você se comunica? Você mantém um diário?*

*A. S: Sim. Eu escrevo um diário.*

*P: Você escreve em curdo ou alemão? Em que idioma você escreve?*

*A. S: Escrevo em alemão.*

*P: Mas seu curdo também é muito bom. Você não escreve nada em curdo?*

*A. S: Não. Eu não escrevo em curdo. Mas, é claro, eu compartilho o que eu escrevo com os meus camaradas. Mas minha língua de escrita é o alemão.*

*P: Como você desenvolveu suas habilidades em curdo até agora?*

*A. S: Quando cheguei aos camaradas, não havia possibilidade de frequentar uma escola de idiomas ou algo do gênero, mas havia amigos que falavam alemão e curdo. No início, fiquei com eles por um tempo, até conseguir me comunicar um pouco com os companheiros. Depois disso, tive a oportu-*

*nidade de estudar. Passei então três meses na escola de idiomas. E nessa escola, aprofundei minha leitura e escrita. Meu curdo se desenvolveu graças a Şehîd Hacêr. Ela já faleceu e foi minha professora. Graças a Şehîd Hacêr, meu curdo está nesse nível hoje.*

*P: Camarada Azad, os guerrilheiros estão enfrentando um grande ataque. Nós mesmos também estamos acompanhando a resistência dos guerrilheiros nas montanhas do Curdistão. O inimigo está atacando da maneira mais bárbara. Como você, como camarada daqueles camaradas que lutaram e caíram nos túneis de guerra, avalia essa resistência e vontade? Como os guerrilheiros nessas montanhas oferecem essa resistência? Como você enfrentará o ano de 2023? Pode compartilhar seus pensamentos conosco?*

*A. S: A resistência dos camaradas que estão atualmente em luta ativa nas frentes de guerra de Behdînan, Zap, Avaşîn e Metîna, e especialmente dos amigos que estão lutando e resistindo nos túneis de guerra, sempre nos dá um grande moral e um forte poder. Vemos que, se nossos companheiros estão resistindo há tanto tempo, mais de um ano, nessas condições e circunstâncias, isso significa para nós que podemos, obviamente, infligir ataques muito maiores a esse inimigo. Especialmente para o ano de 2023, estabelecemos essa meta, porque estamos finalmente chegando à fase final. Portanto, atacaremos o inimigo ainda mais e, acima de tudo, com mais violência, e expulsaremos o inimigo do solo do Curdistão e do Oriente*





Médio. Estabelecemos esse como nosso objetivo e, como nosso comandante, o camarada Reşîd, disse certa vez, «não deixaremos nem mesmo a sombra do inimigo na terra». Realmente definimos isso como nossa meta e, com essa atitude, damos as boas-vindas ao Ano Novo.

*P : Também gostaríamos de perguntar novamente sobre seus sentimentos em relação a Rêber Apo (Adullah Ocalan). Rêber Apo está atualmente sob forte confinamento solitário. Que atitude devemos ter em relação a esse isolamento ?*

A. S : Já faz 24, 25 anos que nosso líder está preso na ilha de tortura de Imrali sob o mais severo isolamento. Ele está vivendo nessas condições, resistindo e orientando nossa luta. Como guerrilheiro nas montanhas, podemos dizer que ele está assumindo esse papel de vanguarda não apenas para os guerrilheiros ou para os camaradas do partido, mas o papel de vanguarda que ele está assumin-



do em Imrali é para todos os povos do mundo que buscam a liberdade. Ele está fazendo isso por todos aqueles que esperam e tentam alcançar a vitória e a liberdade. Portanto, podemos dizer que é uma resistência inigualável o que ele está fazendo ali 24 horas dentro das quatro paredes de Imrali. Podemos ver que o inimigo realmente quer punir os povos que buscam a liberdade na pessoa de Rêber Apo, assim como Prometeu foi acorrentado a uma rocha e teve de suportar uma punição sem fim. Mas vemos hoje, de forma bastante óbvia, que o líder transformou a prisão em um ninho de liberdade, um ninho de esperança, um ninho de vitória e uma fonte universal de força. Hoje vemos que o Rêber Apo se tornou universal. Portanto, podemos dizer que, enquanto o líder não for libertado, nossa exigência em relação a nós mesmos para alcançar a vitória será cada vez maior.

*P : Camarada Azad, chegamos ao fim de nosso programa. Queremos ouvir novamente, no final, qual é a expectativa de sua participação nesta etapa.*

A. S : Antes de tudo, posso dizer que, como guerrilheiros nas montanhas, estamos passando por operações muito intensas no momento. Nossa aspiração é vingar os companheiros que caíram nessa resistência e se juntaram à linha de mártires, e nos vingaremos do inimigo. Dessa forma, daremos golpes ainda mais fortes no inimigo, garantindo que ele tenha de se retirar de nosso território e não consiga sobreviver em nosso território. Com isso, é claro, queremos realizar grandes mudanças no Curdistão e na Turquia. Portanto, podemos dizer que nossa aspiração e meta para este ano é: a libertação física de Rêber Apo, a libertação das áreas de combate dos guerrilheiros, os povos do Curdistão e do Oriente Médio e, com base nisso, quero participar ainda mais intensamente, melhor, com mais sucesso e com moral elevado na fase de combate que temos pela frente.

*P : Camarada Azad, nós lhe agradecemos. Estamos muito felizes por tê-la conhecido. Agradecemos por sua participação em nosso programa.*

A. S : De nada.

*P : Caros espectadores, estamos chegando ao fim de nosso programa. No programa de hoje, aprendemos sobre os sentimentos da camarada Azad em relação às montanhas e a história de sua adesão. Até o próximo programa: Permaneçam felizes e alegres ! ●*

# Thomas Sankara : revolucionário pan-africanista e herói imortal

Thomas Isidore Noël Sankara foi um militar burquinense, revolucionário marxista e pan-africanista que exerceu o cargo de Presidente do Burkina Faso, após ter chegado ao poder através de um golpe de Estado em 1983, até ao seu assassinato em 1987. Foi uma figura muito carismática e emblemática da Revolução. Quando assumiu o poder, a República do Alto Volta era um dos países mais pobres de África. Apesar de ter alcançado oficialmente a independência em 1958, continuava a ser afetada pelo legado sombrio do colonialismo francês e a depender fortemente da ajuda ocidental e dos interesses empresariais. Sankara compreendeu que a verdadeira independência era mais do que uma nova bandeira e uma nova moeda - significava também independência política e económica. Em muitos aspectos, Sankara foi contra as principais correntes políticas da década de 1980. Como herói revolucionário e ícone político, é muitas vezes visto como um líder político virtuoso que, apesar dos seus erros, tinha no coração os verdadeiros interesses do povo.

Sob a sua presidência, foi lançado um projeto revolucionário destinado a transformar tudo. A começar pelo nome do país, Sankara abandonou o nome colonial do Alto Volta e declarou o novo país como Burkina Faso. Este nome é uma combinação de duas palavras das línguas Yulá e Mossi, faladas no país, que significam «pátria dos homens justos», indicando assim uma nova visão radical de autossuficiência para o país. E foi o próprio Sankara que se encarregou de escrever a letra e compor a música do hino do novo país. Nas suas palavras, a sua revolução foi alimentada por todas as anteriores, da francesa à russa, para além das lutas de libertação no continente africano.

Sankara propôs a eliminação dos poderes tradicionais dos chefes tribais que ainda existiam no país e que oprimiam os camponeses. Além disso, formou Comitês de Defesa da Revolução, com uma estrutura semelhante à existente em Cuba.



Também impôs austeridade aos membros do governo, reduzindo os salários dos funcionários (incluindo os seus), mudando a frota de veículos do Estado, substituindo os da marca Mercedes-Benz por outros de menor custo, e proibindo os seus ministros de viajarem em primeira classe. Em matéria económica e produtiva, o seu governo levou a cabo a reforma agrária e nacionalizou o sector mineiro. O principal objetivo do seu governo era a soberania alimentar, uma vez que, segundo Sankara, o imperialismo era claramente visível na origem dos alimentos que a população tinha no prato: «milho, arroz ou painço importados: isso é imperialismo, não há «Temos de ir mais longe». O Presidente do Burkina Faso afirmava que o seu país tinha capacidade para produzir alimentos suficientes para todos e promoveu um programa de fertilização e irrigação. Em 1986, o Burkina Faso já tinha duplicado a produção média de trigo por hectare da sua região do continente.

Sankara também tinha propostas e medidas importantes em relação aos direitos das mulheres, como a proibição da mutilação genital feminina e dos casamentos forçados. Além disso, incentivou as mulheres a trabalhar fora de casa, contratando-as em grande número para o exército e nomeando muitas delas para cargos importantes no seu gabinete. Para Sankara, a emancipação das mulheres não era «uma onda de compaixão humana», mas «uma necessidade básica para o triunfo da revolução».

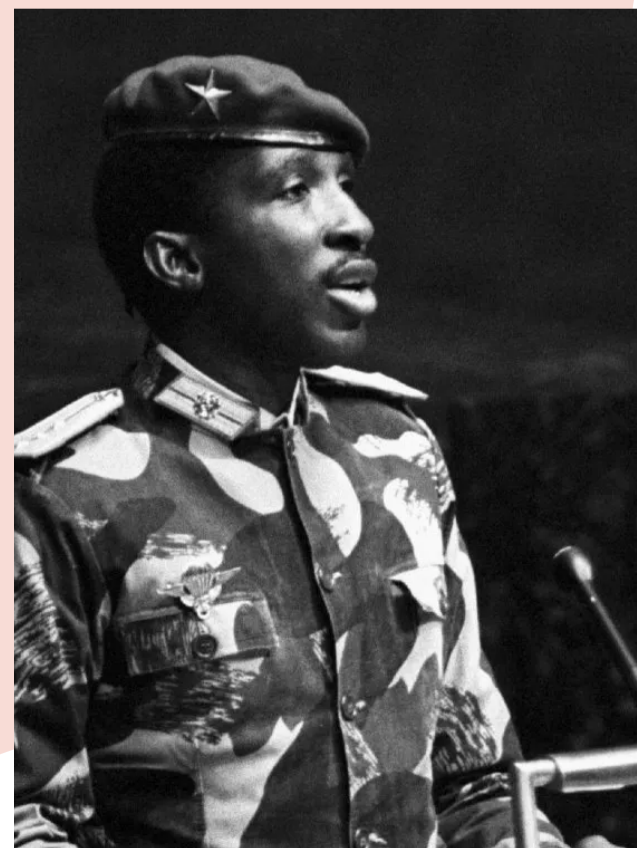
Escreveu no seu livro «Womens Liberation and the African Freedom Struggle» (Libertação das mulheres e luta pela liberdade em África):

«A partir de agora, os homens e as mulheres do Burkina Faso devem mudar profundamente a imagem que têm de si próprios. Porque fazem parte de uma sociedade que não só está a estabelecer novas relações sociais, como também está a provocar uma transformação cultural, perturbando as relações de autoridade entre homens e mulheres e obrigando cada um a repensar a natureza de ambos. Esta tarefa é enorme mas necessária. Pois ela determinará a nossa capacidade de levar a nossa revolução à sua plena estatura, libertar todo o seu potencial e mostrar o seu verdadeiro significado para as relações directas, naturais e necessárias entre homens e mulheres, a mais natural de todas as relações entre pessoas. Colocar hoje a questão da mulher na sociedade burkinabé significa colocar a abolição do sistema de escravatura a que foi submetida durante milénios. A primeira etapa consiste em tentar compreender o funcionamento deste sistema, em apreender a sua verdadeira natureza em toda a sua subtilidade, para depois elaborar uma linha de ação que possa conduzir à emancipação total da mulher. Por outras palavras, para ganhar este combate comum a homens e mulheres, temos de conhecer todos os aspectos da questão da mulher à escala mundial e aqui no Burkina. Temos de compreender que a luta da mulher burkinabé faz parte de uma luta mundial de todas as

**mulheres e, para além disso, faz parte da luta pela reabilitação total do nosso continente. Assim, a emancipação da mulher está no centro da questão da própria humanidade, aqui e em todo o lado. A questão é, portanto, de carácter universal.»**

Em outubro de 1987, Thomas Sankara foi assassinado num golpe de Estado levado a cabo por Blaise Compaoré, que mantinha uma amizade íntima com o líder revolucionário desde a sua juventude. Segundo Boukary Kaboré, colaborador próximo de Sankara até aos seus últimos dias, este avisou o líder da conspiração de Compaoré contra ele e propôs a sua detenção, mas recebeu uma resposta negativa do presidente, que considerou que isso seria uma traição.

Mesmo com os seus erros, a breve mas intensa experiência de Thomas Sankara à frente do Burkina Faso representa um contributo inestimável para os projectos populares do chamado Terceiro Mundo. Foram necessários quatro anos para que a revolução de Sankara gerasse melhorias visíveis na qualidade de vida do povo burquinense, numa perspectiva popular, marxista, anti-imperialista e anti-colonialista. Embora não exista muita literatura sobre a sua revolução e a sua luta não seja recordada no Ocidente, não o esqueçamos. Sankara morreu pelo seu povo e pelo seu país e é muito amado pelo povo de Burkina Faso até aos dias de hoje, a sua memória permanece viva nos corações e nas mentes do povo como um verdadeiro revolucionário ●



# O que aconteceu na história ?

## Outubro

### 1 de outubro de 2014 [Administração Autônoma do Nordeste da Síria, Rojava]

Nove anos antes, jihadistas do EI (Estado Islâmico) chegaram à cidade de Kobanê, no nordeste da Síria. Um mês depois, na sequência de um apelo mundial à mobilização, ocorreram manifestações e ações em todo o mundo em apoio à resistência curda. Vários meses de combates ferozes liderados pelas YPG e YPJ trouxeram a libertação final da cidade em 14 de junho de 2015.

### 2 de outubro de 1937 [República Dominicana]

Rafael Trujillo, que governou o país com mão de ferro, ordenou o massacre de a população haitiana que ali vivia: entre 20.000 e 35.000 pessoas foram mortas em cinco dias com armas de fogo, facões, porretes e facas. A matança foi apelidada de Kouto-a («a faca») pelos haitianos e de El Corte («a taça») pelos dominicanos. O massacre começou com a seguinte declaração do Presidente da República Dominicana: "Nos últimos meses, viajei e atravessei a fronteira em todos os sentidos da palavra. Aos dominicanos que se queixavam das depredações cometidas pelos haitianos que vivem entre eles, do roubo de gado, de provisões, de frutas, etc., e assim são impedidos de desfrutar em paz os frutos do seu trabalho, respondi: 'Estou vou corrigir isso'. E já começamos a remediar a situação. Trezentos haitianos morreram hoje em Bánica. Este remédio continuará."

### 11-14 de outubro de 2007 [Abya Yala, México]

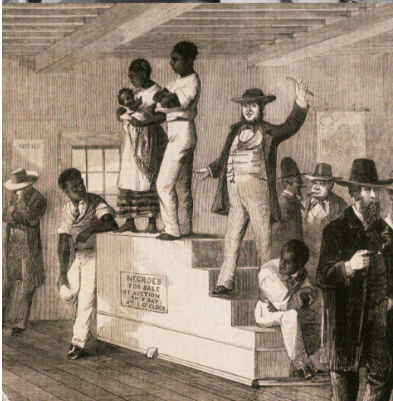
A Cúpula dos Povos Indígenas da América aconteceu na comunidade Yaqui de Vímam (Sonora), com delegados representando 66 povos de 12 países diferentes. No início do encontro, o Comandante David, um maia de Chiapas, deu as boas-vindas aos povos indígenas de todo o mundo a este encontro intercontinental: "Nesta ocasião, queremos que os povos indígenas do México, do Canadá, dos Estados Unidos, da América Central, América do Sul e o mundo inteiro para saber o que estamos preparando.» Em abril, o Subcomandante Marcos disse esperar que o encontro intercontinental "tocasse os corações e recuperasse as almas" dos povos indígenas que lutam em todos os continentes. "Quando os povos indígenas de todas as regiões se unirem, perceberão que o dinheiro não significa nada comparado aos valores dos povos indígenas". A declaração desta Cimeira Intercontinental dos Povos Indígenas recorda que já se passaram 515 anos desde a invasão dos territórios indígenas, o ataque da guerra de conquista e o início da exploração capitalista.

### 6 de outubro de 1976 [Tailândia]

Massacre na Universidade Thammasat: a polícia tailandesa e gangues paramilitares de extrema direita atacaram uma procissão de estudantes e trabalhadores, matando oficialmente 46 pessoas. No entanto, outras estimativas colocam o número de mortos em mais de cem. Em 1973, manifestações estudantis apoiadas por centenas de milhares de cidadãos tailandeses nas ruas de Banguecoque abriram caminho para a deposição do ditador militar Thanom Kittikachorn, iniciando um processo de democratização. No entanto, num contexto de vitórias comunistas no Vietname, Camboja e Laos, as elites tailandesas tornaram-se cada vez mais tensas, temendo que o seu país também caísse. Em 1976, Kittikachorn retornou do exílio sob o pretexto de que queria ingressar em um pagode como monge budista. Os estudantes mobilizaram-se em resposta e ocuparam a Universidade Thammasat. O massacre de 6 de Outubro de 1976 foi imediatamente seguido por uma tomada militar e pelo regresso à ditadura.

### 7 de outubro de 1800 [América do Norte]

Na Virgínia, Gabriel Prosser, o líder de uma grande revolta de escravos, foi executado. Gabriel, de apenas 24 anos, organizou meticulosamente a rebelião no verão de 1800, inspirando-se no contexto revolucionário da época (revoluções americana, francesa e haitiana), recrutando centenas de apoiantes e organizando-os em unidades militares. Em-



bora as autoridades da Virgínia não compreendessem a verdadeira extensão da revolta, estimaram que vários milhares de escravos planeavam participar. Muitos deles estavam armados com espadas e lanças feitas por escravos ferreiros negros. Após várias traições, a revolta fracassou e foi esmagada em derramamento de sangue: 35 líderes foram enforcados.

### 9 de outubro de 1998 [Síria]

A "conspiração internacional" começa quando Abdullah Öcalan recebe ordens do governo sírio para deixar Damasco, onde reside há muitos anos. A sua saída da Síria foi seguida de uma viagem por vários países, dos quais o líder dos povos foi sistematicamente expulso de diversas formas, até ser finalmente raptado da embaixada grega em Nairobi, no Quênia, pelos serviços secretos turco e americano, em 15 de Fevereiro de 1999. Sua sentença de morte inicialmente prevista foi substituída por prisão perpétua na ilha-prisão de Imrali. Há três anos que a Turquia lhe impõe um isolamento absoluto, resultando numa total ausência de comunicação com o resto do mundo.

### 5 de outubro de 1977 [Japão]

Em Tóquio, libertação de seis presos políticos após o sequestro de um avião pelo Exército Vermelho Japonês, que também obteve seis milhões de dólares em resgate pelos 146 passageiros libertados na Argélia. Depois de um ano de 1968 muito agitado no Japão, e face à crescente repressão estatal, foi criada a Facção do Exército Vermelho. Foi sucedido em 1972 pelo Exército Vermelho Japonês (, Nihon Sekigun). Também conhecida como "Brigada Internacional Anti-Imperialista", esta organização era liderada pelo jovem activista comunista Fusako Shigenobu. Durante quase 30 anos, os cerca de quarenta membros da JRA organizaram inúmeras ações (tomada de reféns, sequestro de aviões, ataques explosivos, etc.) em ligação direta com a Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP) e várias organizações sediadas em o Oriente Médio. Os objectivos da JRA eram derubar o governo japonês e a sua monarquia parlamentar e iniciar uma revolução mundial.

### 3 de novembro de 1918 [Alemanha]

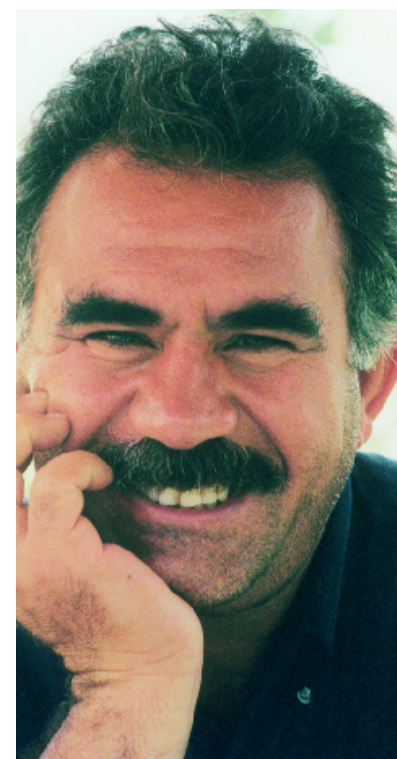
A revolução de 1918-1919 começa quando 40.000 marinheiros tomaram o porto de Kiel. A bandeira vermelha foi hasteada em muitos navios. Foi convocada uma greve geral em apoio aos marinheiros e foram declarados «conselhos de trabalhadores e de marinheiros» em Kiel. No dia 7 de Novembro, o Conselho Operário de Kiel apelou à revolução, proclamando: "O poder está nas nossas mãos". No dia 8 de Novembro, quase todo o noroeste da Alemanha estava nas mãos dos conselhos de trabalhadores. Os conselhos de trabalhadores espalharam-se rapidamente por todas as cidades do império, de Metz a Berlim. Esta forma de organização política, baseada na revogabilidade dos representantes eleitos e na democracia direta, fez tremer a classe dominante alemã. No final, foi por causa da traição do Partido Social Democrata (SPD) que a burguesia recuperou o controlo da situação e travou o processo revolucionário.

### 12 de novembro de 1871 [Suíça]

Em Sonvillier, a Federação Jura é fundada para combater a hegemonia dos marxistas sobre a Associação Internacional dos Trabalhadores (também conhecida como a «Primeira Internacional»). Um ano depois, os membros da federação do Jura declararam a criação da Internacional Antiautoritária em Saint Imier: "Como poderia uma sociedade igualitária e livre nascer de uma organização autoritária? sociedade, deve agora ser a imagem fiel dos nossos princípios de liberdade e federação, e rejeitar dentro dela qualquer princípio que tenda à autoridade e à ditadura».

### 12 de novembro de 1969 [Estados Unidos]

Em Washington, 250 mil pessoas manifestaram-se contra a guerra do Vietnã. No mesmo dia, o massacre na aldeia de My Lai, ordenado pelo tenente americano William Calley e durante o qual foram assassinados civis e crianças, foi tornado público por um jornalista.



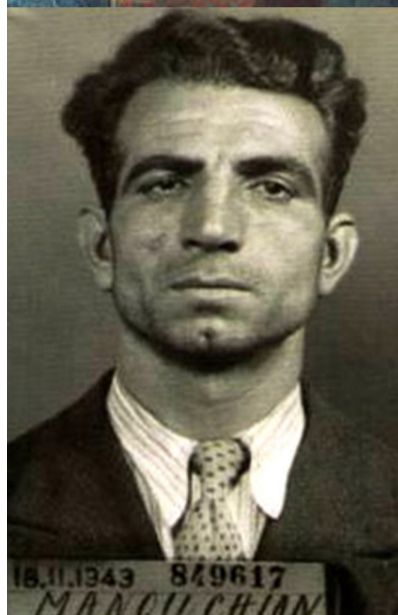


### 16 de novembro de 1780 [Abya Yala, América do Sul]

Em Cuzco, o líder Tupac Amaru II proclamou a abolição da escravatura no continente, pela primeira vez na América. José Gabriel Condorcanqui Noguera, mais conhecido como Tupac Amaru II, foi um líder político que lançou a maior rebelião indígena e anticolonial do século XVIII. Ao unir nativos, crioulos, mestiços e escravos sob uma única frente anticolonial, um exército de 50.000 homens esteve perto de derrubar o estado colonial. Tupac Amaru II foi capturado e brutalmente executado pelos colonos espanhóis.

### 16 horas de novembro de 1943 [França]

Prisão de Missak Manouchian, líder do movimento de resistência Frances Tireurs Partisans na região de Paris. Na sua última carta a Mélinée Manouchian, ele escreveu: «No momento da minha morte, proclamo que não tenho ódio contra o povo alemão ou contra qualquer outra pessoa. Todos receberão o que merecem em punição e recompensa. O povo alemão e todos os outros povos viverão em paz e fraternidade depois da guerra, que não durará muito mais tempo.» Missak Manouchian nasceu na Armênia em 1906. Ele sobreviveu ao genocídio armênio e encontrou refúgio na França em 1925. Em fevereiro de 1943 juntou-se ao FTP-MOI (Frances-tireurs et partisans - Main-d'oeuvre immigrée), unidades armadas do resistência comunista composta por trabalhadores imigrantes. O FTP-MOI estava entre os grupos de resistência mais activos e determinados, especialmente porque, como estrangeiros, muitos deles judeus, eram directamente alvo das leis do regime de Vichy sobre o estatuto dos judeus, o que não lhes deixava outra escolha senão passar à clandestinidade ou ser internados e deportados para campos de concentração.



### 17 de novembro de 2023 [Territórios Zapatistas, Chiapas]

40º aniversário da fundação do EZLN «Ejército Zapatista de Liberación Nacional». Fundado em 1983, o Exército Zapatista organizou o levante zapatista durante 10 anos de atividade clandestina na Selva Lacandona. Quando fez a sua aparição pública em 1 de Janeiro de 1994, o EZLN reivindicou uma tripla herança: via-se como o herdeiro de «500 anos de resistência indígena», o herdeiro das lutas revolucionárias do início do século XX, incluindo as de os camponeses por trás de Emiliano Zapata e as lutas dos grupos revolucionários e guerrilheiros das décadas de 1960 e 1970.



### 17 de novembro de 2018 [França]

O movimento dos Coletes Amarelos surgiu em outubro de 2018 e deu origem a inúmeras ações. A partir de 17 de Novembro de 2018: foram organizados bloqueios de auto-estradas e ocupações de rotundas, particularmente no campo, e ocorreram manifestações insurreccionais nas cidades. Embora o movimento tenha surgido como um protesto contra um imposto sobre a gasolina, rapidamente se expandiu para desafiar o capitalismo e o Estado autoritário francês, recebendo amplo apoio popular. Independentes dos sindicatos de trabalhadores, as ocupações e assembleias nas rotundas formaram a base organizacional deste movimento, tornando-o muito heterogéneo e horizontal.



### 19 de novembro de 1828 [Índia]

Neste dia, Manikarnika Tambe nasceu. Ela foi uma heroína da Revolta Cipaye, considerada a primeira guerra de independência da Índia. Desde a infância aprendeu a andar a cavalo e a manusear armas, atividades geralmente reservadas aos homens. Aos 29 anos, recusando a anexação colonial do estado de Jhânsi pela Companhia Inglesa das Índias Orientais, reuniu um exército de 14 mil homens e mulheres para defender a cidade. A cidade acabou caindo após um cerco de 2 semanas, que terminou em um massacre sangrento liderado pelas forças coloniais britânicas. Manikarnika Tambe ainda é um símbolo de resistência contra a colonização britânica.



### 27 de Novembro de 1978 [Bakur, Norte do Curdistão]

No dia 27 de Novembro de 1978, o congresso de fundação do PKK teve lugar na pequena aldeia de Fis (distrito de Piolhos, província de Diyarbakir, Amed). Este congresso adoptou o primeiro programa do PKK e elegeu o comité central. 35 apoiantes participaram nesta reunião clandestina, incluindo Sakine Cansiz, Mazlum Doğan, Cemil Bayik e Abdullah Öcalan.

A criação do partido foi vista como uma necessidade face à evolução da luta e como uma resposta ao assassinato de Haki Karer, membro fundador do movimento de libertação.

### 26/27 de novembro de 2020 [Índia]

250 milhões de grevistas e milhões de camponeses bloquearam a capital indiana contra o governo de extrema direita de Narendra Modi e várias reformas neoliberais nas leis agrícolas e trabalhistas. Esta mobilização foi considerada a maior greve da história mundial, provocando paralisações de trabalho em bancos, serviços financeiros e vários departamentos governamentais, transportes, siderurgia, portos e docas, serviços de telecomunicações, plantações, unidades de produção de electricidade, carvão e outras minas, petróleo e unidades de produção de gás natural e milhões de outras indústrias. 30 de novembro de 1999 [Estados Unidos] Neste dia, um dia mundial de ação é organizado pela rede de Ação Global dos Povos contra a terceira cúpula da Organização Mundial do Comércio (OMC) em Seattle. Este dia de protesto também é conhecido como a «Batalha de Seattle» e foi o primeiro de uma série de contra-cimeiras organizadas pelo movimento antiglobalização para se opor à reunião regular das potências capitalistas mundiais (G8, G20, fórum de Davos, etc.) Ação Global dos Povos (AGP) era o nome de uma coordenação global de movimentos sociais radicais, campanhas populares e ações diretas em resistência ao capitalismo e pela justiça social e ambiental.

### 2 de dezembro de 1956 [Cuba]

O iate Granma, com 82 guerrilheiros do movimento 26 de julho (assalto armado ao quartel Moncada em julho de 1953), incluindo Fidel Castro, Ernesto Che Guevara e Raúl Castro, encalha devido a más condições clima, na praia de Las Coloradas, na costa sudeste de Cuba. Avistados pela força aérea cubana, apenas cerca de vinte ativistas conseguiram chegar às montanhas. Apesar deste início difícil e incerto, a guerrilha saiu vitoriosa e no dia 1 de Janeiro de 1959 o ditador Batista foi deposto do poder.

### 6 de dezembro de 1985 [Bélgica/França]

Ataques concertados das Cellules communistes combattantes (CCC) e de um grupo de «Communistes Internationalistes» atingiram a rede de oleodutos da OTAN: as Cellules destruíram o relé de segurança de Petegem com explosivos, mas não conseguiram destruir os Huissignies retransmissão, enquanto outros militantes comunistas revolucionários explodiram a sede de vigilância do oleoduto (CEOA) em Versalhes. Sob o lema "Contra a guerra imperialista, guerra civil", estas acções coordenadas fizeram parte de uma série de campanhas anti-imperialistas e anti-OTAN.

### 10 de dezembro de 2004 [Ruanda]

A criação de uma "Carta Global das Mulheres para a Humanidade" foi finalizada em Kigali no 5º encontro internacional da Marcha Mundial das Mulheres. Em 1995, uma marcha de mulheres contra a pobreza ocorreu em Quebec (também conhecida como Marcha do Pão e das Rosas). Inspirando-se nesta mobilização, mulheres de todo o mundo organizaram a «Marcha Mundial das Mulheres Contra a Pobreza e a Violência contra as Mulheres» em Outubro de 2000. Um total de 6.000 organizações em 161 países e territórios marcharam pelas suas aldeias, bairros, cidades e em frente a seus governos. Outras mobilizações se seguiram nos anos seguintes. Em 2004, a Carta Global das Mulheres para a Humanidade declarou: «A Marcha Mundial das Mulheres, da qual fazemos parte, identifica o patriarcado como o sistema de opressão das mulheres, e o capitalismo como o sistema de exploração da grande maioria das mulheres e dos homens. por uma minoria. Estes sistemas reforçam-se mutuamente. Estão enraizados e combinados com o racismo, o sexismo, a misoginia, a xenofobia, a homofobia, o colonialismo, o imperialismo, a escravatura e o trabalho forçado. São o terreno fértil para o fundamentalismo que impede mulheres e homens de serem livres. Eles geram pobreza e exclusão, violam os direitos dos seres humanos, especialmente das mulheres, e colocam a humanidade e o planeta em risco. Rejeitamos este mundo! Através desta Carta Global das Mulheres para a Humanidade e através de ações futuras, reafirmamos que outro mundo é possível, um mundo cheio de esperança, de vida, onde a vida é boa, e declaramos o nosso amor por este mundo, pela sua diversidade e pela sua beleza.»





### 12 de dezembro de 1969 [Itália]

Massacre na Piazza Fontana, Milão: uma bomba explode em frente ao Banco Agrícola, matando cerca de quinze pessoas. A polícia imediatamente atribuiu a explosão aos anarquistas e prendeu vários deles, incluindo Giuseppe Pino Pinelli, que morreu três dias depois após ser atirado de uma janela do andar superior da delegacia. Também prenderam Valpreda, que passou vários anos na prisão. A bomba tinha, de facto, sido plantada ali por neofascistas ligados à rede Gladio, uma rede de unidades anticomunistas secretas implantadas em toda a Europa. Ligados diretamente à NATO e à CIA, o seu principal objetivo era agir em caso de invasão da URSS. O ataque à Piazza Fontana marcou o início da estratégia de tensão, durante a qual grupos neofascistas e a rede Gladio levaram a cabo uma série de ataques mortais (mais de 400 mortes no total) para desestabilizar os movimentos revolucionários de esquerda e pressionar por uma política autoritária. golpe de Estado na Itália.

### 21 de dezembro de 2012 [Chiapas, México]

supôs o dia do "fim do mundo" no calendário maia. 40.000 zapatistas ocupam pacificamente e em absoluto silêncio cinco cidades de Chiapas (praticamente as mesmas que durante o levante de 1994). Eles então publicaram um comunicado de imprensa conciso:

**«Comunicado do Comitê Revolucionário Clandestino Indígena Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional do México. 21 de dezembro de 2012,**

**A quem possa interessar:**

**VOCÊ OUVIU ISSO?**

**É o som do seu mundo desmoronando,  
É o som do nosso ressurgindo.  
O dia que foi dia foi noite,  
E a noite será o dia que será dia.**

**DEMOCRACIA!  
LIBERDADE!  
JUSTIÇA!**

**Das montanhas do sudeste do México, CCRI CG-EZLN  
Subcomandante Marcos, México, Dezembro de 2012»**

### 1863 [Cabília, Argélia]

Há 160 anos, Lalla Fatma N'Soumer, uma jovem cabila, morre numa prisão militar francesa. No ano em que ela nasceu, 33 anos antes, a França lançou a sua vasta conquista colonial da Argélia. Recusando o casamento forçado que lhe era destinado, Lalla Fatma N'Soumer adotou o apelido de Lalla N'Ouerdja, atribuído na tradição oral cabila às jovens que se recusavam a resignar-se aos costumes e tradições patriarcais. Aos 20 anos, ela se envolveu na resistência cabila. Profetisa e estrategista, ela era altamente respeitada entre os lutadores. Em 1854, ela sucedeu ao líder da resistência Chérif Boubaghla. Nesse mesmo ano, venceu a batalha de Haut Sebaou, sua primeira vitória contra os franceses. As tropas coloniais foram forçadas a retirar-se e as aldeias mantiveram a sua independência.

### 703 [Berberia, Norte da África]

1.320 anos atrás, Dihya morre em batalha. Também conhecida como Al Kahina, a profetisa, Dihya foi uma rainha guerreira berbere que lutou contra o Império Omíada durante a conquista muçulmana do Magrebe no século VII. Diz-se que ela conseguiu unir toda a Berberia diante da tentativa de conquista do califado. Sua primeira batalha ocorreu em Meskiana. Conhecida como a "batalha dos camelos", foi também a sua primeira vitória militar. À noite, o exército de Dihya escondeu-se nas montanhas e emboscou as tropas inimigas. Em 703, Hassan Ibn Numan voltou ao ataque com reforços do califa Abd Al-Malik, que lhe deu vários milhares de guerreiros com o objetivo de reconquistar Ifriqiya. Dihya morreu em batalha.





## « Latir en Libertad - Zamāru Projekt »

Uma canção em homenagem a Nagihan Akarsel, assassinada a 4 de outubro de 2022 em Sulaymaniyah, pelo seu papel central no desenvolvimento da ciência jineolôjî, enquanto editora da revista Jineology e membro do Centro de Investigação de Jineology.



### Versão original em espanhol :

Nagihan se hizo una con el río de la resistencia de las mujeres y lo convirtió en cascada. Voló con las mariposas hasta el fuego y lo abrazó, y volvió para anunciar el renacer de la vida libre.

Tantos pueblos perdieron el habla,  
tantos otros se quedaron sin nombre  
Las mujeres fueron golpeadas,  
en el cuerpo, en la mente y en el alma.

Pero ahora una brisa se levanta,  
y con fuerza se convierte en tormenta.

Escuchando la voz de la historia,  
sin rendirnos hoy nos levantamos,  
vamos juntas hacia la victoria,  
por la vida libre con fuerza avanzamos

Y ahora todas juntas luchamos  
por la libertad que tanto anhelamos  
Sin miedo cara a cara ante la oscuridad  
El único camino hacia la verdad

Ahora nuestras manos unimos  
Una vida nueva juntas construimos  
Sin miedo cara a cara ante la oscuridad  
El único camino es la libertad

Contar la historia de la libertad es como  
tocar las texturas ligeras de colores sutiles

Sentir el flujo de significados acumulados en la memoria contrarrestando hacia el futuro

Buscar el amor, la sabiduría y la libertad en las capas de significado de la verdad  
Se trata de un esfuerzo espiritual e intelectual, una obra de amor.

Un amor que contiene la profunda sabiduría de relacionarse con la verdad  
La postura vital de rebelarse contra el mundo.

La lucha de latir libremente en el pulso del universo

Y esta lucha es la brújula de toda revolucionaria que camina por este sendero

Y ahora todas juntas luchamos  
por la libertad que tanto anhelamos  
Sin miedo cara a cara ante la oscuridad  
El único camino hacia la verdad

Ahora nuestras manos unimos  
Una vida nueva juntas construimos  
El único camino hacia la verdad  
Al grito de mujer, vida y libertad

Tradução em português :

Nagihan uniu-se ao rio da resistência das mulheres e transformou-o numa cascata. Voou com as borboletas até ao fogo, abraçou-o e regressou para anunciar o renascimento de uma vida livre.

Tantos povos perderam a sua voz,  
tantos outros ficaram sem nome  
As mulheres foram espancadas  
no corpo, na mente e na alma.

Mas agora uma brisa levanta-se  
e transforma-se numa poderosa tempestade.

Ouvindo a voz da História,  
hoje erguemo-nos, não nos renderemos  
vamos juntas para a vitória,  
Pela vida livre, avançamos com a nossa força

E agora todos juntos lutamos  
Pela liberdade que desejamos  
Sem medo, cara a cara com a escuridão  
O único caminho para a verdade

Agora damos as mãos  
Uma nova vida juntos construímos  
Sem medo, frente a frente com a escuridão

A liberdade é o único caminho  
Contar a história da liberdade é tocar os tons claros das cores subtis.

Sentir o fluxo de significados unidos na memória, reimaginando o futuro  
Procurar o amor, a sabedoria e a liberdade nas camadas de significado da verdade.  
É um esforço espiritual e intelectual, um trabalho de amor.

Um amor que contém a profunda sabedoria de uma relação com a verdade.

A postura vital de se rebelar contra o mundo.

A luta para bater livremente no pulso do universo.

E esta luta é a bússola de cada revolucionário que percorre este caminho.

E agora lutamos todas juntas  
Pela liberdade que tanto desejamos  
Sem medo, cara a cara com a escuridão  
O único caminho para a verdade

Agora damos as mãos  
Uma nova vida juntas construímos  
O único caminho para a verdade  
Para o grito da mulher, da vida e da liberdade

link to the song : <https://www.youtube.com/watch?v=Mmq0jiDP5ao>

Obrigado por ler o **Lêgerin n°12** !

Ajude-nos a construir um  
**confederalismo juvenil democrático**  
em todo o mundo, apoiando-nos  
financeiramente por meio de nosso  
patreon



[patreon.com/legerin](https://patreon.com/legerin)

## QUEM SOMOS ?

*Lêgerîn é uma plataforma de media mundial construída por e para a juventude revolucionária internacionalista. A sua linha ideológica está ligada ao paradigma da Modernidade Democrática desenvolvido por Abdullah Öcalan, proveniente da revolução em curso no Curdistão. A Modernidade Democrática é uma terceira via, contra o capitalismo neoliberal e o fascismo que se alimentam mutuamente e atacam toda a humanidade através das guerras imperialistas, da exploração e da destruição da vida e dos valores da sociedade. A Modernidade capitalista é global e organizada, por isso a nossa luta também o deve ser!*

«Lêgerîn» é a palavra curda para «procurar», em que a «procura» se refere ao processo constante dos revolucionários que procuram um caminho para a liberdade colectiva. Este nome foi também escolhido para lembrar Lêgerîn Ciya (Alina Sanchez) da Argentina, que era uma médica internacionalista e combatente das YPJ (Unidades de Proteção das Mulheres), que foi martirizada em Hassake em março de 2018. A Lêgerîn foi fundada em julho de 2020 e, desde então, publicou 11 revistas, criou um site e está a desenvolver as suas redes sociais no Instagram e no Twitter. A fim de tornar o seu discurso acessível para além das fronteiras dos Estados-nação, a revista e as suas formas digitais estão disponíveis em várias línguas: inglês, espanhol, português, italiano, francês e alemão.

## COMO NOS APOIAR ?

Lêgerîn é construída em conjunto com a participação de centenas de pessoas que partilham o seu conhecimento, esforço e recursos, que fazem parte de alguma das nossas áreas de trabalho voluntariamente ou que participam ativamente na rede de produção e distribuição dos nossos materiais. Até agora, Lêgerîn tem sido conhecida como uma revista, mas agora, sob esta mesma identidade, estamos a desenvolver novos projectos e meios audiovisuais.

Sem o esforço e a organização colectiva do trabalho, Lêgerîn não poderia existir. Especialmente para esta fase atual de criação de novos projectos e para tornar mais eficaz a gestão da própria revista, procuramos atualmente pessoas que possam desempenhar as seguintes funções :

### **Internal Work :**

- Equipa editorial!
- Tradução / Revisão de textos.
- Utilização de software como: Photoshop, InDesign, After Effects, Premiere Pro, etc.
- Gestão de redes sociais como: Twitter, Instagram, TikTok, Youtube, Facebook, etc.



### **Apoio financeiro e parcerias:**

Com a tua contribuição financeira, podes ajudar-nos a desenvolver mais material ideológico e de maior qualidade:

- podes fazer um donativo específico com o montante à tua escolha, ou doar todos os meses de forma automática, inscrevendo o nosso Patreon.
- se tiveres meios de produção gráfica, ferramentas audiovisuais e digitais, ou qualquer outra ajuda material que possas partilhar connosco gratuitamente ou a baixo custo, contacta-nos!

### **Organiza a distribuição local !**

Independentemente da tua localização no mundo, podes participar na difusão da revista e de outros materiais e na divulgação da perspectiva ideológica do paradigma da modernidade democrática e do programa político do confederalismo democrático. Para isso, podem organizar-se nos vossos territórios para:

- Distribuir fisicamente ou digitalmente a revista.
- Criar grupos de leitura e de discussão.
- Organizar seminários e apresentações presenciais ou online em que um membro da nossa equipa editorial possa participar.

**legerinkovar  
@protonmail.com**

**site : [revistalegerin.com](http://revistalegerin.com)**

**Agora, se já encontraste a tua forma de apoiar a Lêgerîn, entra em contacto connosco !**

**Em direção a um novo internacionalismo**

# Lêgerin

Número 11  
novembro - dezembro 2023



[revistalegerin.com](http://revistalegerin.com)